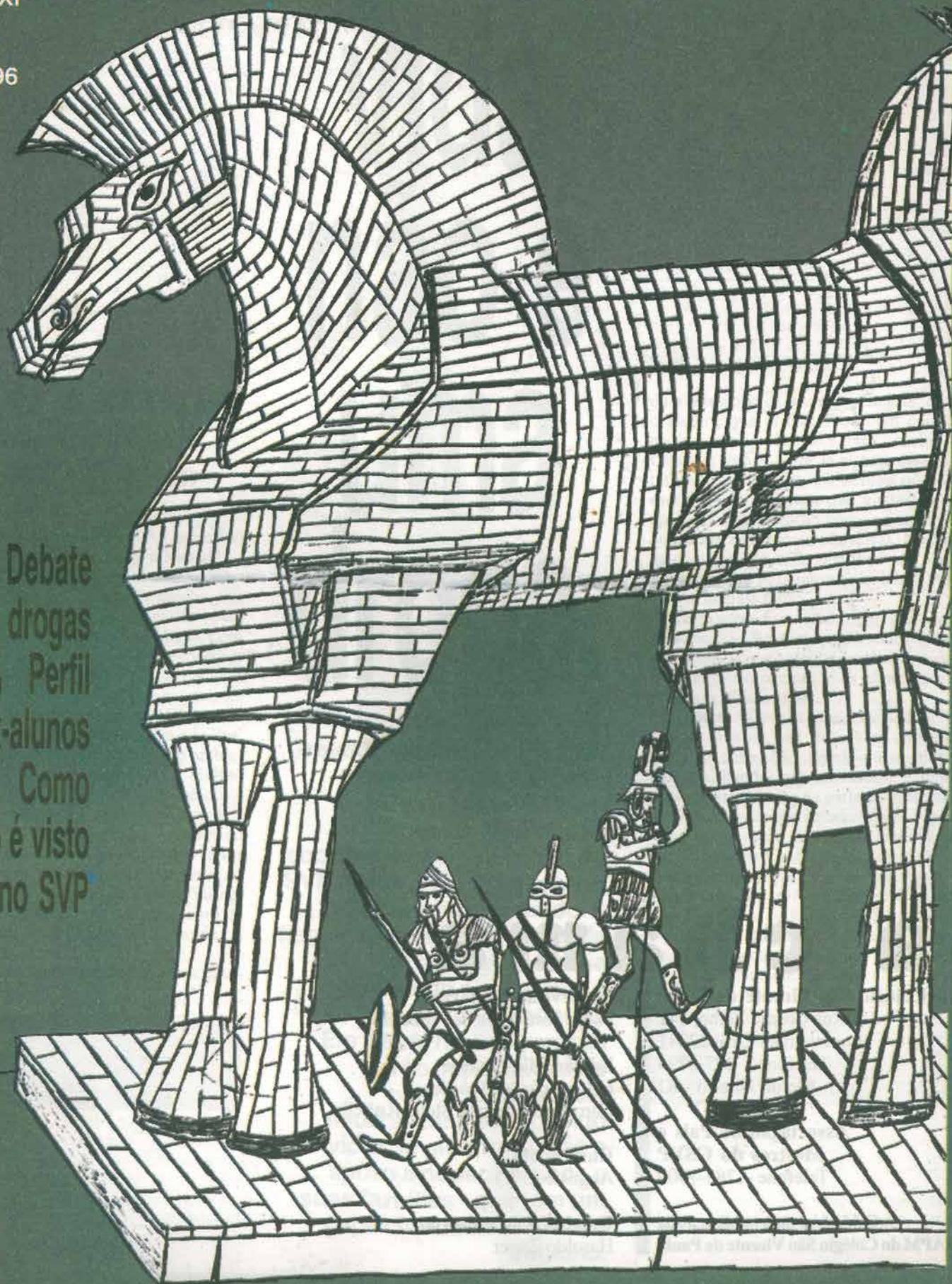


Uma publicação da APM do
Colégio São Vicente de Paulo

a chama

Ano XXI
Nº 28
Março
de 1996

■ Debate
sobre drogas
■ Perfil
dos ex-alunos
■ Como
o Sexo é visto
no SVP



CHAMA

AVULSA DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
RUA SÃO VICENTE DE PAULO, 241 - LARANJEIRAS - RJ



a chama

Colégio São Vicente de Paulo
Rua Cosme Velho, 241
Laranjeiras - CEP 22241
Telefone - 205-0796
Rio de Janeiro - RJ

**Associação de Pais e
Mestres do CSVP**
Telefone - 285-7900

**A CHAMA é uma publicação da
APM do Colégio São Vicente de Paulo**

Supervisão Editorial
Padre José Pires de Almeida

**Edição, digitação e
editoração eletrônica**
Carolina Portugal e Stella Rabello

Ilustrações
Augusto (3ºC)

Colaboração editorial
Haroldo Zager

A vida não é uma droga.

Patrícia - *Temos que pensar na droga dentro do contexto de que é a adolescência, e muitas vezes nós, em vez de entender isso, afastamos.*

SVP e NEPAD uma aliança contra o vício

Gilda - O que é o Nepad? Por que o São Vicente está trabalhando com o Nepad?

Patrícia - Quando a gente começou com a preocupação em relação às drogas, viu que teria que se instrumentar melhor para lidar com a questão dentro do Colégio. Com a preocupação levantada pelo Soe (Serviço de Orientação Educacional), começamos a procurar quais os serviços que existem de atendimento aos drogados; então, procuramos várias linhas de trabalho. Em reuniões, percebemos que iríamos trabalhar o problema de uma forma pedagógica. A melhor linha seria o Nepad - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Atenção ao Uso de Drogas.

Fizemos o primeiro contato, através do Soe e ficamos informados que existem vários tipos de atendimento: prestar assessoria ao Colégio ou duas pessoas do Colégio fariam um curso no Nepad e se encarregariam de estabelecer um projeto para atender a comunidade.

Atualmente o São Vicente está recebendo

do a assessoria de um arte-educador, que é o Facuri, que já trabalhou com coordenações, com professores, no Conselho de Classe, e alunos. Com os representantes de turma e grêmios, Facuri deixou que eles escolhessem a forma que gostariam de trabalhar: dramatização, conversa ou filme e os alunos escolheram conversar. No final da conversa ele disse que tinha um vídeo interessante e perguntou se queriam ver e eles se interessaram.

Num segundo momento, ele voltou aqui, mostrou o vídeo explicativo sobre as drogas, implicações e efeitos das drogas no sistema nervoso central, e os alunos gostaram muito e discutiram.

Artur - O Nepad é mantido pela Uerj, e tem as pessoas que trabalham com essa parte de formação, dando curso, dando palestra, dando essa assessoria, e tem o pessoal que trabalha na parte de tratamento mesmo. Pessoas que atendem casos específicos, como mães, familiares, dependente, etc. E tem esse trabalho de formação de multiplicadores que é o mais importante. A proposta é que os representantes, a partir dos colégios, se multipliquem. No curso que a gente está fazendo tem 30% de pessoas ligadas a escolas, o restante tem pessoas ligadas diretamente a drogados.

segue

Gravada no final de 95, esta conversa entre Gilda e Sérgio (Apm), Artur, Eleonora e Patrícia (coordenadores) dá o tom do SVP nesta questão que vem mobilizando o mundo: o flagelo das drogas, que ceifa boa parte da nossa juventude e corrompe a sociedade moderna. Em 1996, novas técnicas serão implantadas no colégio para buscar neutralizar a sedução do vício, levar informação e apoio a nossos alunos e suas famílias - que tem um papel fundamental neste trabalho.

Gilda - Artur e Eleonora, o que estão achando desse curso no Nepad?

Artur - Tem uma coisa muito interessante para o nosso projeto, que é, quer dizer, em vez de você ficar assistindo palestras sobre drogas, ir diluindo essas informações nos conteúdos das várias séries. Existem informações específicas que o professor de Biologia pode trabalhar, que é o funcionamento do sistema nervoso central. São informações interessantíssimas que podem ser trabalhadas através de jogos. Não só sobre drogas ilícitas, mas até informações sobre as lícitas, como o cigarro, a bebida, café, chá, remédios.

Sérgio - Falando em drogas, eu gosto muito de conversar com a garotada e vejo que as pessoas só estão vendo o que a televisão e os jornais falam, sobre maconha, crack, cocaína. Mas o excesso de remédios que, às vezes, tomam para os pais ficarem calmos... as mães "tacam" remédios. Eu vejo as coleguinhas das minhas filhas que vão para a fazenda e que a mãe qualquer coisa dá remédio.

Eleonora - Uma coisa interessante que o Nepad coloca nas informações sobre drogas é que o álcool é a única droga que é destruidora. Ele destrói. As outras deixam você com o tempo. A maconha e o cigarro demoram um tempo para serem absorvidos pelo tecido adiposo. A única droga lícita que não armazena nada só destrói é o álcool.

Sérgio - E a garotada qualquer coisinha... bebe!

Artur - Um negócio que nos deixou muito assustados é que até 16 anos o sistema nervoso central não está definitivamente formado; é um crime oferecer bebida a um menino de 13, 14 anos.

Eleonora - A partir dos 16 anos não é bom, mas faz menos mal.

Artur - No curso percebemos que a questão da droga, do álcool como droga também, passa por outro ponto: a dependência da droga é sempre ligada a uma outra dependência que já existe.

Eleonora - Que começa quando a mulher engravida.

Artur - Essa relação da droga com a questão familiar, social, muitas vezes é recebida pela escola com uma carga muito grande. Porque a questão da droga vai se manifestar na escola, mas a droga muitas vezes está nos vínculos familiares mal resolvidos; daí a necessidade das famílias estarem juntas conosco. Outra questão trabalhada foi a rede de relações familiares, mostrando como é que essa questão está ligada a família por mais que se diga que não está.

Eleonora - No Nepad, a queixa da família é a seguinte: pelo amor de Deus, tire "essa coisa" da minha família, "isto" acabou com o meu filho, ele era bom, muito levado, tudo muito bom, mas os amigos, a curiosidade, o colégio...

Artur - As famílias são tão assustadas que nem podem falar o nome: "isto", "essa coisa".

Gilda - O Nepad atende só as pessoas dependentes?

Artur - Tem também atenção primária.

Eleonora - O nosso curso é mais no sentido para atenção primária, uma ação preventiva.

Artur - O curso, de uma maneira geral, nos passou, em primeiro lugar, a questão da informação, depois, a relação com a família, com a comunidade. E outra coisa que vai entrar no nosso projeto é o papel da escola no sentido de passar a informação, fazer trabalho preventivo, não só para o aluno mas também para os pais. Outra coisa interessante que nos passaram é que a droga é uma coisa extremamente prazerosa. A droga não dá desprazer. O momento da droga é prazeroso. Só dá desprazer depois. A nossa tendência é cada vez mais ir fechando os espaços para evitar a droga, proibindo isso, aquilo, etc. Mas a "tchurma" lá fora que vai dizer: "estão fechando lá dentro, venham pedir ajuda aqui", dando colo, carinho, compreendendo os problemas, tudo que é negado em casa e na escola. E a pessoa acaba indo para a turma. Aí a necessidade que de alguma maneira possamos oferecer esses vínculos afetivos na escola e em casa, mas também de criar, sistematicamente, espaços de prazer dentro da escola. Em vez de se fechar com medo da droga, a escola tem que se abrir para os

Artur - Se o filho repetiu de ano, a família absorve. Agora se sua filha está transando, ou seu filho está cheirando, você morre. Estas questões ainda chocam muito e a gente conhece relativamente pouco.

Patrícia - Então, a gente como escola tem que saber o limite de gente e, em algumas situações, a gente não vai poder entrar.

alunos terem espaços de prazer: a aula tem que ser uma coisa prazerosa, o recreio, ficar na escola tem que ser prazeroso. Se tem o grupo que quer ficar na Bbs, que fique, ou no teclado, no teatro, ou no coral; se de repente, alguém fuma maconha no Teatro ou no Coral ou na Bbs, não é por isso que se vai fechar esses espaços.

Eleonora - Nossa tendência é trabalhar muito em cima da tragédia, do preconceito. Devemos trabalhar no fato, e esse fato tem que estar ligado ao prazer e no desejo.

Gilda - Vocês estão tentando transformar o colégio num prazer. Em substituição. E o prazer de ficar em casa? Como se consegue mobilizar a família? O colégio não é tudo, tem que fechar alguma hora e o aluno tem que voltar para casa.

Eleonora - Uma das partes do nosso projeto é também estender isso aos pais, através de workshops, palestras. As famílias tem muito medo de lidar com isso.

Gilda - Como é a sensação de descobrir que seu filho pode estar nesse grupo?

Artur - Às vezes o filho só experimentou, foi uma coisa sem maiores consequências

Eleonora - Existe aquele indivíduo que vai a uma festa, se tiver droga ele usa, se não tiver tudo bem. É um outro estágio. Existe aquele outro indivíduo que não pode deixar de usar.

Artur - Uma lição do Nepad é: não pregamos a abstinência e sim a liberdade diante da droga. Existem casos que o não uso da droga faria uma pessoa dar um tiro na cabeça... histórias de vida complicadas... Quando se tenta chamar atenção para a família é no sentido de se estabelecer como é essa relação familiar: presença do pai, da mãe não necessariamente juntos, mas presentes.

Patrícia - A droga é diferente no adolescente e no adulto. O adolescente é aquele que está sempre fazendo uma transgressão social. Você não vê o adulto fazendo surf ferroviário. Se me chamassem para subir a Pedra da Gávea sem nenhuma segurança e sem nenhum conhecimento eu não subiria, quando vejo os retratos eu falo: "que coragem". O adolescente se acha imortal, onipotente, nada vai acontecer. Então, temos que colocar a droga na adolescência e fazer uma leitura diferente. Muito adolescente que experimenta drogas ou até passa por períodos de uso sistemático de droga, não necessariamente, vai ser um drogado. Então nós que trabalhamos com a educação temos que pensar na droga dentro do contexto de que é a adolescência, e muitas vezes nós, em vez de entender isso, afastamos.

Eleonora - É, a gente afasta e a família, muitas vezes tem duas atitudes: ou ela se esconde ou vai pro lado contrário, policial, e dentro desses dois extremos, existem os vínculos afetivos.

Artur - Tem uma frase que diz: "abraçe seu filho antes que o traficante o adote". A frase parece bobinha mas não é. Estudando isso a fundo você vê que é isso mesmo. Não digo o traficante "adotar", mas o grupo que usa, a turma, "adota" mesmo. É um processo de adoção "brabo", pois a turma

dá a ele tudo que ele não encontra em outros lugares. O traficante mantém com ele vínculos comerciais, mas a turma o adota mesmo. Até por terem o mesmo problema, todos se entendem. É um negócio muito real.

Gilda - Vocês já perceberam que algum aluno seja uma pessoa que tem uma tendência a se ligar com drogas? Vocês já tiveram contato com essa família, tentando reverter, ou alertar? Porque às vezes eu sinto que os pais, de uma maneira geral, não querem ver. Eles se recusam a aceitar. E com isso eles rejeitam mais, eles empurram o jovem no sentido contrário.

Artur - O que acontece na verdade, dentro do SVP, é que existe uma opção muito clara de se trabalhar isso na maior discrição possível. Então tem casos, por exemplo, em que o inspetor pega um aluno fazendo determinada coisa, aí ele encaminha. Esse encaminhamento, dali pra frente, vai ser feito sem que as pessoas saibam o que está se passando. Quer dizer, só se dá a notícia daquilo que precisa ser divulgado. Os detalhes ninguém precisa saber. E o que acontece muitas vezes é que esse inspetor, esse professor ou esse colega que levou o caso pensa que não está se fazendo nada. Ele quer uma resposta imediata, mas ele não sabe o que está sendo feito.

Patrícia - Quando a gente recebe alguma notificação de que algum aluno está mais envolvido do que a gente imagina, passou de uma curiosidade, de ir lá e experimentar. Aliás já recebemos inclusive até pais de alunos, que geralmente vêm destroçados, porque encontraram alguma coisa lá nas coisas do filho. Ou, às vezes o filho é tão generoso com os pais que deixa algo à mostra. Eu acho que isso é um gesto generoso, pois o filho vê que a mãe ou o pai estão tão angustiados, estão desconfiados, então deixa bem à mostra.

Gilda - Como ele não tem coragem de dizer ele mostra, como pedindo socorro.

Patrícia - A gente recebe uns pais que vem dizendo que percebeu certas coisas e vem pedir ajuda. A primeira coisa que a gente faz é chamar o aluno. Esse ano a gente tomou uma resolução: esses casos nenhum de nós do Soe atenderia sozinho, atenderíamos em duplas. Por exemplo, se fosse um garoto do segundo ano, a Eleonora, que é a responsável, escolheria alguém da equipe pra atender o menino junto com ela. Então, por exemplo, chega uma mãe dizendo que encontrou maconha em casa, a gente conversa com o menino, dá um segmento para isso, chama as famílias. Aí temos as mais diferentes reações: a mãe que acha que falhou, tem o pai que a gente chama por que foi um caso percebido dentro do colégio: o menino saiu pro recreio de um jeito voltou de outro, o professor percebeu chamou alguém.

Eleonora - A gente tem que tomar cuidado com o preconceito né, Patrícia? Porque supõe-se que esse garoto tem um vínculo com a droga. Só que nesse dia ele foi e bebeu uma cerveja ou, então, uma noite mal dormida está com o olho um pouco vermelho.

Sérgio - Pronto, "maconhou"...

*Artur - Uma
lição do Nepad é:
não pregamos a
abstinência e sim
a liberdade
diante da droga.*

*Patrícia - Às
vezes o filho é
tão generoso
com os pais
que deixa algo
à mostra.*

Patrícia - A gente, às vezes, encontra garotos que imaginávamos que se encontrava em determinada situação, e pais que dizem que já sabiam, que já vem conversando com os filhos sobre o assunto, que o filho já está em tratamento psicológico. E também alguns pais que dizem: "ele está usando sim, eu também usei, ele vai usar, é um caminho que ele tem que percorrer. E eu prefiro que ele use dentro de casa, porque ele está mais seguro, ele não vai ser pego pela polícia, ele não vai ter nenhuma situação de perigo". Quer dizer a gente lida com uma diversidade de pais, de opiniões, de idéias, de paradigmas familiares, e tem que dar conta disso.

Eleonora - Teve um aluno que disse: a minha maconha está na razão direta do uisquinho do meu pai e do calmante da minha mãe.

Artur - Essa semana foi apresentada uma estatística no Nepad, muito interessante: 90% a 95% dos casos do Nepad, a mãe toma calmante o pai toma uisquinho, uma cervejinha. Como uma coisa habitual. Ou seja, muitas vezes a maconha entra pro menino como o Lexotan entra para a mãe. A mãe só relaxa no fim do dia quando toma o

seu Lexotan, o pai quando toma a sua bebida, o filho só vai relaxar fazendo alguma coisa. Fecha bonitinho o quadro.

Gilda - Sim, e aí. Faz-se um tratamento familiar? Todo mundo junto?

Eleonora - É. Aí a família faz desse adolescente o bode expiatório. Ele é o doente, que tem de ser tratado.

Gilda - A doença é só dele? Não é do pai, não é da mãe?

Eleonora - É só dele. Ele se drogou por causa do grupo que ele está, esse grupo é maléfico para ele. E não é verdade. Se você for ver a história da família, está toda partida através de vínculos mal resolvidos, através de dependências mal resolvidas. A própria estrutura familiar está doente. Agora ele foi o bode expiatório. Isso é muito comum.

Patrícia - Eu lido muito com família. É interessante notar que quando você pega a família numa situação dessa, é impressionante como a família se desestrutura. Por que parece que ela se organiza em cima dessa doença.

Gilda - Não é nem em torno do tratamento, é da doença mesmo.

Eleonora - Nós fizemos aqui uma dinâmica, né Artur? A dinâmica da rede. Se pegou um grupo, então se foi trançando com um barbante uma teia. Daqui a pouco todas as duas mãos de todo mundo estavam entrelaçadas pela rede, ou seja, todo núcleo estava ligado. Na família, querendo ou não, todo mundo está ligado. Daqui a pouco alguém de fora entra na teia. Desmantelou tudo, soltou tudo, todo mundo ficou perdido.

Artur - Enquanto não estava acontecendo nada estava todo mundo certinho, no momento que entrou um elemento estranho, um puxa mais, outro afrouxa para não arrebentar. Então vai mostrando como é que cada um reage.

Patrícia - Por isso é que não pode ter uma regra única. Não existe fórmula. Cada família tem uma história.

Artur - Outra discussão interessante é a questão de até que ponto, com essa transferência que a família está fazendo para a escola, a escola pode cobrar da família. A gente começou a ver que várias dessas relações que se estabelecem na família, cada vez mais, estão se estabelecendo na escola. Os vínculos afetivos da escola, com essa transferência, estão cada vez mais fortes. Agora, é claro que, do ponto de vista psicológico, a questão básica está mesmo lá, na família.

Patrícia - Eu acho que quando a gente fala disso tem que levar em conta os termos sociais, temporais, quer dizer, a família mudou muito. Antigamente a família era extensa e incluía categorias como avô, avó, o tio, os primos que moravam sempre perto. Tinha uma rede de atendimento. Ou seja, se o pai ou a mãe de alguma forma não estavam, tinham figuras alternativas. Então, a família mudou, ficou uma família nuclear: pai, mãe e filhos. As mulheres passaram a trabalhar e, então, se ausentaram mais. A sociedade foi estimulando cada vez mais a competitividade, então para uma pessoa entrar no mercado de trabalho ela precisa se preparar

muito, muitas vezes até se avilta, deixa de fazer o lazer dela, deixa de fazer atividades extras, de conversar com os filhos. E ainda mudou que a gente tem filhos do divórcio, coisa que não tinha há anos atrás. Agora a família inclui outras categorias, não tem essa família extensa, mas tem o namorado da mãe, a namorada do pai, o filho da namorada do pai. Outro dia um garoto me falou que era o **irmãodrasto**, quer dizer, o filho da madrasta. (*risos*). Então, a escola se vê numa situação em que tem que ser a mãe, o pai, a psicopedagoga, a fonoaudióloga, a orientadora religiosa, a orientadora sexual. Às vezes a família pede isso, e a gente, como escola, entra, muito corriqueiramente, numa coisa onipotente de achar que pode cumprir todos esses papéis.

Gilda - O cidadão se descabela porque não consegue resolver tudo.

Patrícia - Então, a gente como escola tem que saber o limite de gente, e em algumas situações não vai poder entrar. Ficamos meio querendo atender essa demanda dos pais e poder fazer tudo pelas famílias, e não pode.

Artur - A questão das drogas, como as questões ligadas a sexualidade, a disciplina, dificuldade de aprendizagem, sempre fez parte do trabalho educativo. O pessoal do Soe esteve sempre mexendo com essas questões. O que acho que há, hoje, de novo nessa história, até por causa de Aids, é a necessidade de se mexer especificamente

com a questões da sexualidade e das drogas. Então para isso, todo mundo ficou meio perdido com essa história. A escola ficou, a família ficou, surgindo, então, a necessidade de aprofundar. Certos assuntos, que estavam de alguma maneira aprofundados, por exemplo a questão da dificuldade de aprendizagem, se tem milhões de teorias, milhões de técnicas, de alguma maneira se consegue conduzir essa questão. E a família absorve: "o filho repetiu o ano", tem que pagar mais um ano de mensalidade, mas a família ainda absorve. Agora, seu filho ou sua filha está transando indiscriminadamente, você morre. Seu filho está fumando maconha ou está cheirando, você morre. Então, essas questões, de alguma maneira, ainda chocam muito; a gente ainda conhece relativamente pouco, até por medo, por dificuldade de se aproximar e etc. Está acontecendo de novo nessa história, exatamente essa coisa de aparecerem cursos e espaços específicos para serem discutidas essas questões. Cheio de acertos e cheio de erros, mas de alguma está se tentando.

Gilda - Cheio de boa vontade para acertar.

Artur - Mas é preciso que as pessoas tenham uma certa paciência, no sentido de que alguma coisa já está sendo feita, e essas outras coisas que a gente pretende colocar em prática, a partir desse projeto do Nepad, são coisas que vão precisar de tempo, não

só para se implantarem, porque, por exemplo não se pode pedir aos professores que, de uma hora para outra, todos incluam em seus currículos e no seu programa informações sobre drogas. Isso é uma coisa que tem que surgir no trabalho com o professorado. Ver aonde que é mais adequado, até para não levar uma informação que não é o momento da criança receber. Por exemplo, não se vai pegar um garoto de sete anos e ensinar ele a usar camisinha, não cabe no currículo do garoto. É o tipo da coisa que você tem que levar no momento adequado. Da mesma maneira você não vai chegar para um menino que está começando a estudar o sistema nervoso e começar a ensinar sobre a sinapse, o neurônio, etc. Então, isso é um trabalho lento. Ver com o professorado como é que o aspecto informativo vai entrar. Vamos ter que ver que ver com o Soe. Vamos ter que ver com a família. Até que ponto as famílias estão dispostas, pois aí sim, vai ser necessário um esforço, vai ser necessário se vir aqui de noite para trabalhar esse assunto, de vir no sábado, no domingo. Cada um vai ter que descobrir a sua forma. Vai exigir uma certa paciência em relação à estrutura do colégio, para se poder implantar esses tais espaços de trabalho, pois exige espaço físico, um certo investimento financeiro, vai exigir da própria concepção de escola, que a administração e a direção do colégio vão ter que rever. A implantação vai ser lenta, a gente que está fazendo o curso, tem que absorver muita coisa que ainda não absorveu. Então, é lento para nós, vai ser lento para a instituição, vai ser lento para as famílias, vai ser lento para todo mundo para que seja seguro. Se a gente for começar a querer fazer uma coisa com pressa, não vai dar.

Gilda - Claro! Amadorismo não dá. Não funciona.

Artur - Uma outra coisa que a gente está querendo também, é não fazer uma coisa só do SVP. A gente considera que seria legal tentar juntar outras escolas nesse processo. A gente está pensando numa caminhada interna e também numa caminhada junto com outras escolas, que queiram, de repente, estabelecer um fórum permanente de discussão, do mesmo jeito que se fez em relação a educação sexual em 1995. De repente, a partir de 96, estabelecer um segundo fórum de discussão permanente sobre essas questões das drogas.

Patrícia - É interessante notar que todos os colégios preocupados e estão tendo questionamentos em relação a droga na adolescência, a penetração que a droga está tendo. Eu desafio algum colégio do Rio de Janeiro que não está vivendo esse drama. Agora, a forma do colégio trabalhar é diferente, eu acho que a gente verbaliza, a gente fala que está preocupado, a gente fala que está com o problema. Então, eu acho que tem alguns colégios que se preocupam e expressam a preocupação. E tem alguns colégios que se preocupam e não conseguem expressar. Daí, a gente se expõe mais.

Gilda - E vocês acham que teriam acesso a outros colégios, como agentes multiplicadores?

Eleonora - *Teve um aluno que disse: a minha maconha está na razão direta do uisquinho do meu pai e do calmante da minha mãe.*

Patrícia - *Muito adolescente que experimenta drogas ou até passa por períodos de uso sistemático de droga, não necessariamente, vai ser um drogado.*

Artur - Já conseguimos sensibilizar a AEC - Associação de Educação Católica, porque já houve a experiência do "projeto sexualidade". Então, da mesma maneira nós vamos começar o mesmo processo em 96, só que trabalhando principalmente a questão da droga. Nós percebemos que não dá para ficar só com a nossa visão. A visão do Sion, do Zacharia, do Santo Inácio, são visões que de repente vão nos dar, vão nos conduzir para outras questões.

Gilda - Eu acho bom, porque a gente vê se não está ousando demais...

Artur - Exatamente, em alguns momentos a gente precisa desse toque. Tínhamos a opção de fazer a coisa funcionar para as outras escolas a partir do SVP, então o SVP puxaria essa questão. Mas é importante fazer isso através de uma instituição, já que ela existe, que é AEC, que tem uma força de penetração muito maior. A idéia é tentar fazer esse projeto junto da AEC. A multiplicação seria por aí. Não é fazer um projeto fechado só para as escolas católicas não, as outras também podem participar, mas respaldado pela proposta da AEC. Então, em 96, a gente tem que caminhar em duas direções aí, uma que seria esse projeto da AEC com as outras escolas, e outro que seria um projeto interno do SVP, específico.

Patrícia - A gente discutiu isso, mas para mim estava tão implícito que nós do colégio tínhamos condição de assumir isso.

Artur - Para mim também. É nesse sentido que eu digo: o Nepad já veio, já falou para várias pessoas e tal e as famílias ainda não entraram. Não entraram, não é porque estejam sendo desmerecidas, não. Eu acho até que não entraram exatamente por isso que Patrícia está falando. Porque tem aquela questão prática: vai pedir para o prof. Facuri, que mora em Cabo Frio, vir aqui à noite, ou num sábado e domingo. Não é justo. Então a idéia é fazer uma coisa a partir daqui de dentro, e para isso a gente precisava se preparar. Para nós está claro, cada vez mais, que o maior investimento talvez tenha que ser a família. Isso está ficando cada vez mais evidente, porque cada aula que a gente tem, a coisa vai, vai, vai e bate lá na família. O desafio vai ser trabalhar o adulto; a sua resistência. E como é difícil você quebrar a resistência do adulto. O aluno não, você diz: "Vamos fazer a dinâmica! Vamos dar a mão!", aí ele já está dando a mão, o pé, a boca, tudo.

Gilda - Quanto mais passa o tempo, a gente cria mais defesas.

Patrícia - A gente vai se cristalizando. E o adolescente não tem nenhum problema em ousar.

Artur - A idéia é montar um projeto começando da primeira série do primeiro grau. O que é que pode ser informado e trabalhado com a primeira série. Tem que ser dentro da maturidade de cada um, o que ele pode absorver.

Patrícia - Quer dizer, também depende. Essa diversidade é que eu acho que a gente tem que dar conta, porque quando a gente fala de família, são famílias. Quando a gente fala de aluno de primeira série, são alunos de primeira série. Numa determinada turma,

Artur - O problema de droga é de todo mundo. É fundamental a participação da família. E isso tem que ficar bem claro.

pode ser que a coisa seja diferente que em outra turma.

Artur - Essa especificidade tem que ser muito respeitada, quer dizer, do individual. Senão a gente cai naquela coisa de campanha. Campanha é sempre uma coisa coletiva...

Gilda - E não é só o individual individual, como também o individual dentro da turma. Quer dizer, uma turma diferente da outra, um grupinho dentro da turma diferente do outro.

Artur - Exatamente. Eu já vi com a Eleonora o calendário de 96. A idéia é criar o máximo de oportunidades. Por exemplo, fazer algum momento à noite, workshop em fim de semana...

Patrícia - Se não vier é porque não terá demanda para vir. Se não vier não será por falta de espaço

Artur - O problema de droga é de todo mundo. Então, mesmo que não tenha nada a ver com a minha família, mas tenho uma contribuição importante para dar; ainda que não esteja vivenciando aquilo, ainda que não seja uma coisa de demanda minha imediata; o meu filho está convivendo com o filho do outro, e às vezes o filho do outro está usando e o meu não está, mas está tudo junto. Então a idéia da gente está sendo

essa: tentar criar o máximo possível de espaço. É fundamental a participação da família. Não vai adiantar fazer um projeto só para escola, só para os professores. E isso tem que ficar bem claro.

Patrícia - A gente não quer ser políglota com o aluno, e às vezes o é com a família que está atendendo. Porque acontecem situações de mãe aflita, pai desnordeado... passou a noite em claro porque descobriu que o filho está usando maconha quase diariamente. E aí, quando a gente tenta trabalhar ou descobriu no que o menino está realmente envolvido, tem duas situações: da mãe chegar e a gente não sabia; ou a gente tem que alertar a família. E a mãe, ou o pai, chega e fala; "não, mas isso é um absurdo, vocês estão levantando uma calúnia. Mas quem disse? Como é que vocês podem provar?" Ou é ao contrário, como: "Mãe, eu erre". Por isso o atendimento é em dupla, porque ele vai ficando irritado, vai estar achando que eu estou querendo acusar o filho dele, mentir, fazer uma situação dessa. Esse pai e essa mãe estão sofrendo muito, não é biscoito a mãe buscar ajuda dizendo que o filho cometeu um delito que marcou o narcisismo dela, causou uma decepção tremenda. Uma mãe que você chega e diz assim: "Você errou", é como se a gente dissesse assim, a mãe e o pai lêem assim, a gente não está dizendo assim, mas eles lêem assim. "Olha, o teu filho está em caminho diferente do que você imaginava". A gente na verdade tem que arcar com isso, porque está produzindo uma dor em qualquer uma das situações. Daí, às vezes a facilidade de atender em dupla. Estamos protegendo a quem estamos atendendo e nos protegendo como instituição. Por que, se um erra no tempero, o outro tem a capacidade de neutralizar. Os pais que estão com um filho numa situação dessa estão sofrendo muito. Não adianta dizer que não estão. Estão muito perplexos.

Gilda - Quando minha filha nasceu, eu tinha uma amiga que já tinha filhas grandes e veio me dizer, "Como é que a gente trata essas crianças? Aonde a gente conduz essas crianças nesse mundo maluco de hoje cheio de drogas, cheio de violência? A melhor coisa que eu dou é amor. Saber que eu estou presente na vida dela, é amor. O resto tem que soltar, não tem jeito. Você não pode enfiar embaixo da asa, sentar em cima, fingir que não está passando e ela ali do lado de você." E as meninas são ótimas, uma agora casou. Fantásticas, maravilhosas...

Artur - Mas ela sabe que tem mãe, né? É aquela coisa, vai, vai, vai, mas sabe que na hora que precisa, está ali.

Gilda - É o que eu digo ao Sérgio, azar. A gente vive com vontade de sair. Ah!, não, vou ficar com as crianças. Ele fica ali, sabe? Os quatro..., grudados.

Artur - Não tem que ficar grudado, é ficar disponível

Gilda - É a qualidade, não a quantidade. "Não, você trabalha fora". "Meu filho, não adianta ficar dentro de casa te infernizando, não". Vou para rua, volto, feliz e contente, eu te atendo, você me atende. "Assim como você nunca foi filho, eu nunca fui mãe".

A feira do São Vicente

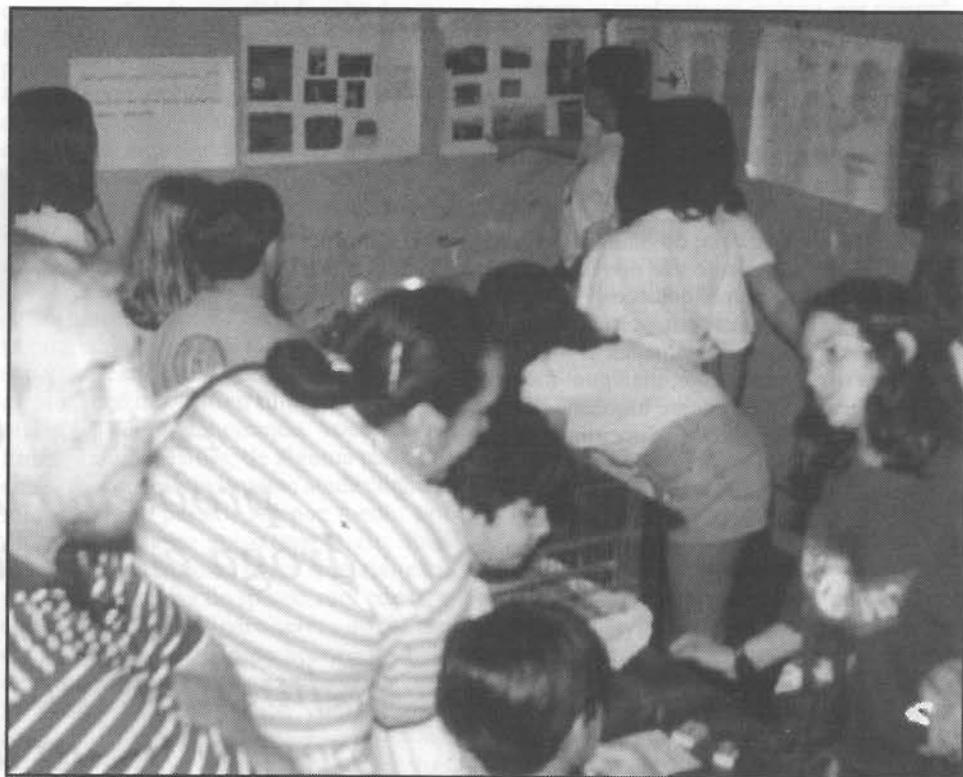
No último dia 21 de outubro, todos nós tivemos a oportunidade de visitar uma feira super interessante e especial, pois, ocupando o tradicional lugar dos feirantes gritando, estavam os alunos sorrindo e ensinando. O produto principal da feira era a Cultura e a Curiosidade, passada aos visitantes com toda a competência e de maneira entusiasmada, aliás, características marcantes dos "pupilos" do São Vicente.

Os números da Feira de Ciências foram bastante significativos: 31 trabalhos executados por mais de 130 alunos de 14 turmas, tornando uma feira muito difícil de escolher o melhor ou o mais interessante...

Passeamos pela Física, pela Biologia, pela Ecologia, apreciamos as explicações a respeito de cadeias alimentares, manipulação de gens, células, flutuação de corpos, métodos anticoncepcionais, energia, moluscos e, imaginem!!, tinha até um tubarão...

Com esta enorme variedade de assuntos, alguns trabalhos demonstravam, na prática, a ocorrência de fenômenos com os quais convivemos do dia a dia, como brinquedos, empuxo, atrito, eletricidade, inércia, bombas, motores etc. E é verdade que também tivemos um pouquinho de sorte, pois os alunos do 1º D, após darem uma tremenda aula teórica de Radiatividade, prótons, neutrons e elétrons, resolveram, para alegria geral dos visitantes, não demonstrar, na prática, como funciona uma bomba atômica...

Quando conversamos com alguns alunos, pudemos notar a seriedade com que os trabalhos estavam sendo executados e foi também positivo constatar que, quando citados, os professores eram tratados com respeito e amizade. Isto é de



extrema importância para todos, e estão de parabéns! Os coordenadores, os professores - que deram uma "força" - e principalmente os alunos, que realizaram trabalhos excelentes, com muito capricho, organização e dedicação, demonstrando que é possível se realizar atividades extra-classe sem perder de vista o compromisso global com o aprendizado.

Achamos, no entanto, que, pela importância do evento, deveria ter havido um número bem maior de visitantes pais e visitantes mestres, já que esta oportunidade de convivência com a cultura, com o alto astral e com os próprios alunos não ocorre todo dia - função dos nossos atribulados cotidianos

-, embora seja sempre possível um "esforcinho".

E nós, da diretoria da APM, que pela própria natureza da atividade, temos o privilégio de viver mais de perto as atividades do Colégio e atuar ativamente das discussões acadêmicas e pedagógicas, gostaríamos de reafirmar que esta atuação não é prerrogativa dos casais "diretores", mas sim de todos os pais.

Portanto, convidamos todos os pais a participarem das atividades vividas no Colégio, já que nem sempre teremos a oportunidade de estar mais perto de nossos filhos e de, principalmente, aprender muito com eles...

Ricardo e Maria do Carmo Mota



Você estará lembrado?

O dia-a-dia do CSVP nas anotações e palavras de Padre Almeida

15/06 - Nasce a netinha da coordenadora do SOD, Suely Rangel Maia. Trabalha também no Colégio, como inspetor, o pai feliz, Alexandre.

27/06 - Chega o Pe. Lauro Palú, ex-diretor do Colégio São Vicente. Vem de férias com os familiares.

28/06 - Sai a lume a edição nº9 do *Expressão Livre* (ano III), a 1ª do ano. Bem ilustrada e com boa aparência.

29/06 - No Conselho Pedagógico, o último do semestre, várias notícias de pequenas realizações que vão acontecendo e constituem novidade para a direção. A discussão recai na questão do binômio droga X violência suscitada, ao menos indiretamente, pela repercussão da entrevista do Pe. Almeida ao JB.

01/07 - Durante toda a quinzena, continuaram as reações, bem positivas, à entrevista do Pe. Almeida ao JB.

03/07 - Início da última semana de atividades, restos de provas, 2ª chamada etc. As segundas chamadas no dispositivo diminuíram muito. Valeu a pena mudar. Este novo dispositivo consiste em haver um dia fixo para a segunda chamada e, algumas vezes, em horário de outro turno.

05/07 - Posse do Mini-Grêmio. Presidente: Maria Vasconcelos, vice: Maria Vitória Palhares, tesoureira: Luisa de Castro, secretária: Ana Speron.

Teatrinho da crianças de 1ª e 2ª séries. Uma graça. Na semana passada, já se tinham desempenhado os da 3ª e da 4ª séries, igualmente aplaudidos.

06/07 - Conselho de Classe da 1ª série do 2º grau entre outros.

Na Fiocruz, entrega de certificados aos 41 alunos de diversos estabelecimentos que concluíram as pesquisas iniciadas em 1994. São cinco do São Vicente.

Nasce filha da professora Suely Lima (artes), chama-se Alice.

15/07 - Às 18:00h, na Capela da Casa Central, realiza-se o matrimônio de Marlene Maria de Figueirôa (Marleninha) e Willian Alves dos Reis, sendo Pe. Almeida o oficiante da liturgia. Dia belíssimo, capela esplendidamente decorada (pelo artífice José Eugênio), muita gente amiga, muita pompa e alegria. A recepção no pátio coberto, muito bem transformado em salão de gala, não podia deixar de estar à altura. Valeu o cansaço de preparação. O jovem casal ficou muito agradecido à Comunidade do Colégio pela generosa colaboração.

20/07 - Pe. Almeida juntamente com as Voluntárias, acerta os pormenores do XVI Encontro da AIC, a começar no dia 23 com a chegada das delegações.

23/07 - Pe. Almeida vai em companhia de D. Beatriz Rosita Gentil Philomeno Gomes,

presidente nacional da AIC, buscar no aeroporto a presidente internacional, a mexicana Patrícia Palacios de Nava, que vem participar do XVI Encontro da AIC.

As 10:00h, chegam as delegações que vinham por terra, seguindo para Mendes pela viação Normandy, o local de Encontro.

24/07 - Vários funcionários do Colégio São Vicente aceitaram ficar toda a semana em Mendes, a serviço do Encontro da AIC. O material da infraestrutura, secretaria, som, mecanografia etc já seguiu antes.

29/07 - Regressam de Mendes Pe. Almeida e os demais funcionários que lá estiveram durante a semana do Encontro. Todos contentes com a boa organização e a excelente convivência.

30/07 - Pe. Almeida conduz ao aeroporto a presidente internacional da AIC e, à rodoviária, a Coordenadora Regional do Sul, Suely Cardoso. Ambas permaneceram na Casa Central durante o fim de semana, apreciando para proveitosos contatos de base, como o bairro Manguinhos e a Comunidade Cerro Corá. Ficaram encantadas e encantaram.

31/07 - Reinício das aulas; rostos sonolentos

lamentando o final das férias ainda no mês de julho! Os efetivos ainda incompletos no 1º dia. Alguns professores novos, substituindo ou sucedendo a outros do semestre passado. Na Física do 1º ano do 2º grau entra o professor Miguel sucedendo José Luís. No Supletivo, com a saída de Claudia Helena, a Biblioteca foi ocupada por Beth, orientadora. Quanto ao inglês, está em negociação... Continuará ou não?

01/08 - Pe. Almeida se põe a ler as 45 cartas recebidas de alunos da 1ª e 2ª séries do 2º grau, a pedido ou por sugestão do profº Peninha, de Política. As cartas foram sugeridas após o comentário, em sala, sobre a entrevista que Pe. Almeida deu ao JB, sobre o tema "tóxico gerador de violência..."

02/08 - Na reunião de professores do ICH, já realizada na sala de recreio, entre muitos outros assuntos, foi colocada a questão do tóxico, denunciada por várias cartas que Pe. Almeida recebeu dos alunos do curso de Política. Como professora de artes, a presença de Débora, substituindo Suely de Lima que, durante as férias, deu à luz sua primogênita Alice.

Pe. Almeida passa pelas salas de 2º ano verberando, inclusive, com ameaças contra a indisciplina vergonhosa que se instalou nas turmas e vem desgostando os professores, a ponto de já se ter sofrido "baixa" ou demissão do professor de Física José Luis, por sinal, admirado pelos próprios alunos.

03/08 - Conselho Pedagógico, com longa folha de informações, primando, entre todos, o relatório síntese do congresso nacional da AEC, em Fortaleza - CE, comemorativo dos 50 anos da existência da mesma AEC - Brasil. Participaram a professora Luiza, de Geografia, Norma, orientadora educacional, Solange, coordenadora de 1º e 2º grau representando o SVP. Por conta da AEC, a professora Lourdinha e o professor Sérgio Maia; em comum com o Santa Rosa, tivemos ainda a professora Graça e o professor José Eduardo, de Religião. Espera-se que tenham auferido excelente proveito.

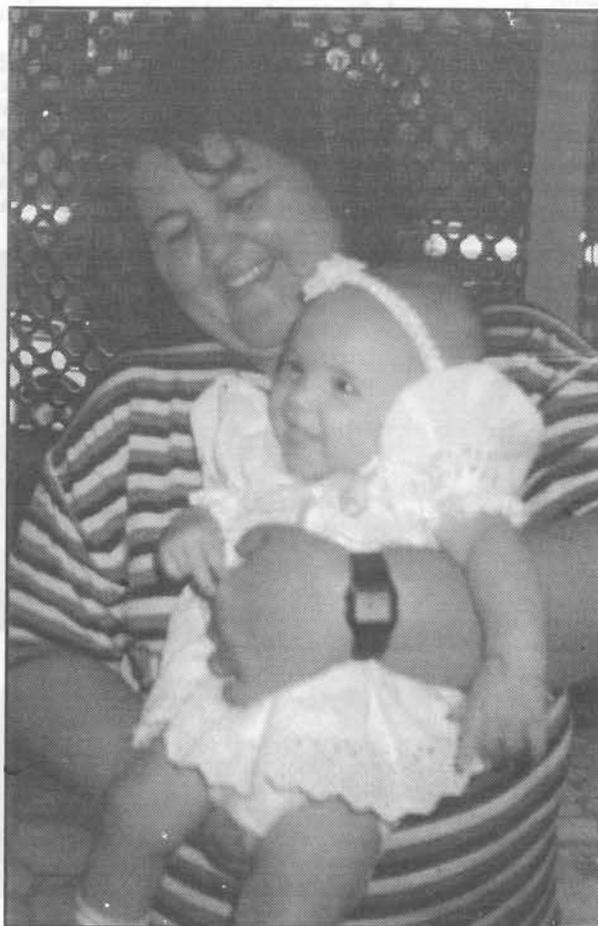
O Grêmio comunica que participará de manifestação pública comemorativa dos 50 anos da Bomba de Hiroshima.

À noite, reunião do Supletivo e Conselho de Classe do 3º ano do 2º grau. Fica acertada a passagem do Pe. Almeida também nas turmas do 3º ano falando como diretor sobre o problema da disciplina em sala de aula.

04/08 - Dia do Santo Cura d' Ars, dia do padre. A solenidade será transferida ao domingo, dia 06, juntamente com os 50 anos de Hiroshima

07/08 - Chegou-nos desagradável notícia sobre o estado de saúde da aluna Carolina Saad, 7 anos, da turma 12.

Pe. Almeida refletiu com o coordenador do Supletivo, José Fernandes, sobre a hipótese de admitir como professor de Inglês da 8ª fase, o sr. João Carlos M. Resende Martins, executando um



A coord. de disciplina Suely com sua neta

programa mínimo de Inglês bem prático, em função da formação do cidadão, mais que de cultura linguística.

- 08/08-** Às 8h, reunião dos coordenadores pedagógicos, Comunitária, Pastoral, SOE e de disciplina sobre o lado operacional de certas propostas de disciplina que ainda serão refletidas no próximo sábado, dia 12, às 10:00.
- Reunião da Comunidade de Direção. Longa reflexão sobre a situação de indisciplina no 2º grau.

09/08- Aparece o novo número da revista *A Chama*, fruto de esforços de numerosa equipe, sobretudo da vontade política da diretora da APM. Trata-se do nº 27, ano 22. Será mesmo o nº 27? - este já veio a lume em dezembro de 79. O presente número deve ser pelo menos o nº 51 do ano 22, tendo havido, entretanto, nos anos 88-90, vários números da *Chamativa*, boletim mais informal, que apareceu quatro vezes nos anos da crise da *A Chama*. A *Chamativa* achase encadernada no terceiro volume da coleção da *A Chama*, sem, contudo, entrar na numeração.

10/08- Conselho Pedagógico dos coordenadores verticais. Excelente reflexão sobre a recuperação "paralela", ora em curso, que será uma novidade e, seguramente, um peso a mais para os professores. Comunicadas as reações, já aparecidas sobre a nova instituição, buscou-se mostrar a razão da mesma; ela não nasceu do autoritarismo da Direção ou da Coordenação, mas de dupla necessidade: a pedagogia, isto é, dar nova chance aos alunos de, antes de novembro, poderem recompor-se em aproveitamento. Para isso, todos os alunos carentes de nota já puderam tomar suas precauções a partir do início das férias de julho, recebendo o boletim e a comunicação da própria situação escolar. Assim, ninguém poderá, no final do ano, argumentar que "não sabia". A 2ª motivação ou razão é a legal, isto é, conformar a realidade de nossa prática. Antes, vinha-se procedendo a uma "prova final", ilícita pela própria natureza da lei 5692, que aboliu as provas finais. Falou-se ainda da necessidade de se insistir nos objetivos. Luis Sérgio: sejamos corajosos e audazes nos "objetivos" (no projeto) e realistas na execução dos mesmos. A reflexão deverá continuar na reunião de coordenadores, às 13:30h.

12/08- Na parte da manhã, grande reunião às 10h sobre o modo de agir com os casos de indisciplina do 2º grau, que se multiplicaram desafiadoramente. Após a passagem do Pe. Almeida nas salas do 2º e 3º anos, é imprescindível acertar os ponteiros sobre o modo de agir, a fim de se evitarem contradições.

• Após longas discussões, acertou-se cortar a concessão dos 15 minutos pela manhã quando o horário de entrada acaba mudado para às 7:30h; pelo menos, se todos os professores fizerem pontualmente a chamada no início das aulas! Falta acertar a promulgação.

14/08- Nossa aluna da 1ª série, turma 12 Carolina Saraiva Saad continua ainda no CTI. Os pais, Adriano Jorge Chame Saad e Mônica Saraiva Saad, ex-alunos do Colégio, continuam esperançosos que ela se reanime. O Colégio se soliarizou com a família.

15/08- Os jornais transmitem a comunicação sobre os camelôs. A partir desta data, não poderão montar suas barracas de vendas nas ruas: Catete, Voluntários da Pátria, *Cosme Velho*, etc... artérias principais. À tarde, passa um policial notificando os que aí se achavam sobretudo, a famosa "Baiana" que, aliás, é muito estimada pelos professores e alunos, havendo, entretanto, quem afirme ser ela veículo de drogas para o Colégio. Será o fim da

camelotagem à nossa porta?

- Reunião com representantes, Solange e Cristina comunicam decisão da reunião de sábado (12/5, professores e inspetores do 2º grau), sobre a suspensão da tolerância dos 15 min. A concessão transformara a excessão em regra. Entrar às 7:30 já era "direito adquirido", aparentemente.

16/08- Reunião bem animada no Conselho de Reflexão do ICH. Cristina aproveitou para lembrar as decisões disciplinares de 1995. O desafio é conseguir operacionalizar o que se vem comunicando aos alunos e professores do 2º ano.

- Paiva e Peninha se reúnem com os autores das cartas ao diretor, para agradecer, comunicar o benefício advindo das mesmas para a Escola e assegurar que entre outras coisas, as cartas despertavam grande carinho da direção com os alunos. Pe. Almeida comunica os principais conteúdos das cartas e se estabeleceu longa reflexão sobre o assunto. O animador da reunião foi o professor Peninha.

• Às 11h, reunião do Pe. Almeida e Coordenadores com os representantes do 2º grau.

- Pe. Almeida passa nas turmas da 8ª série prevenindo sobre a passagem para o 2º grau e dizendo claro que cada qual faça bem sua opção. Quem quiser ficar no São Vicente, que se disponha a ser sanvicentino e não mero espectador.

• Ao encontrar o Diretor no 3º andar, uma aluna da 2ª série exclamou: "Que milagre ver você aqui no andar!"

17/08- Conselho Pedagógico. Alguns temas da reunião de ontem (APM) reapareceram, por exemplo: *A Chama*; a questão dos escaninhos (com possibilidade de se tornarem obrigatórios por lei) para o material escolar; a festa do Patrono. Para cada um destes pontos foi delineada alguma linha operativa.

- Calendário Escolar: A AEC, através do departamento de Diretores, lançará no mini-congresso de sábado próximo, no Colégio Notre Dame, sugestão de reunião de Diretores para estudar a viabilidade de um Calendário 96 compatível com a maioria das Escolas Católicas, pelo menos quanto a início das aulas e das férias de meio do ano.

• Às 15h, missa de aniversário (35 anos) da Voluntárias A.I.C. - núcleo São Vicente de

Paulo. Bem concorrida e participada. Pe.

Almeida lembrou a responsabilidade de quem se dedica à caridade com o próximo, a propósito da necessidade de se conseguirem novos elementos para o Núcleo. Para isso, vamos pedir a Deus novas "vocações"; vamos tomar a iniciativa de convidar possíveis candidatas e vamos preparar o ambiente para recebê-las. Corações abertos, ambientes fraternos, diálogo e busca de entendimento entre nós.

- No Supletivo, o Engenheiro Estatístico de Pedagogia, João Carlos Rezende Martins, assume as aulas de Inglês da 8ª fase.

18/09- Inspetores alertados das mudanças na prática a se operacionalizarem nestes dias, dados as circunstâncias particulares de nossos 2º e 3º anos do 2º grau. As medidas deverão vigorar a partir de 21/08.

- A revista *Mulher Hoje* estampa na capa a beleza de Martha Moraes Cavalcante, nossa ex-aluna e atual acadêmica de medicina. Nas horas vagas, vem trabalhando como modelo para a agência Elite. Outra ex-aluna, igualmente prendada, Irina Bruscky (presidente do Grêmio na ocasião das passeatas dos cara-pintadas) está trabalhando para a mesma agência e se encontra, atualmente, no Japão. É acadêmica de Arquitetura.

19/08- Pe. Almeida com mais sete professores do 1º grau e um do supletivo compareceu ao mini-congresso da AEC. O objetivo era fazer passar aos educadores as principais teses e, na medida do possível, o "clima" vivido no Ceará naqueles dias de julho: clima de organização, de solidariedade, de vontade de servir, enfim, clima de esperança na educação e, por conseguinte, na ação do professor enquanto formador da cidadania.

- Este foi o último dia de "tolerância" aos atrasos no primeiro tempo de aula do 2º grau, cujo horário é 7:15. de agora em diante, chegando atrasado, iniciada a aula, será necessário esperar pelo segundo tempo. Nada de 2ª entrada por concessão, às 7:30.

21/08- 1º dia de funcionamento das novas normas disciplinares: vários alunos cercados por atraso. Mal estar no pátio. A equipe do Greco marca entrevista com Pe. Almeida para refletir sobre a situação.

- Dos dezoito pais de alunos convocados para estudar a situação aflitiva dos filhos, em



As Voluntárias da Caridade presentes no XVI Encontro Nacional da AIC - Brasil

aproveitamento, só compareceram seis (1/3 do total). Como anda escasso o tempo!

Pe. Almeida vai a Niterói, a serviço da AIC-regional Voluntárias da Caridade. Tanya, presidente do nosso núcleo, deve ser eleita responsável pela coordenação do regional abrangendo todo o Estado do Rio de Janeiro. Ela e a irmã Lucy acabam de detectar a existência de mais um forte núcleo em Barra Mansa.

22/08- Ainda hospitalizada, sem novidade, a aluna Carolina Saraiva Saad, 7 anos, da turma 12.

23/08- Telegrama enviado ao Colégio Santa Rosa de Lima pelos 60 anos dedicados à educação. Nossos alunos participarão da comemoração da festa do Colégio Santa Rosa de Lima para disputa esportiva. Anunciada, afinal, para o dia de hoje, a instalação do novo telefone da APM na sede do Anexo Pe. Horta. Grande progresso! Tel. 285-7900.

Partiu esta manhã para Serra Negra (SP) o grupo de "jovens cientistas" que participará do Congresso da Fiocruz. Regressarão domingo, dia 28/8.

24/08- No Conselho Pedagógico, achou-se precário o andamento do novo ritmo da casa. Vários problemas relacionados com atraso; entre todos, o principal é a imp pontualidade dos professores que mesmo estando no colégio, entram em sala atrasados. Insegurança do pessoal da disciplina no modo de agir. Pe. Almeida procura acalmar: as mudanças têm de acertar o passo; toda mudança desagradável gera resistência. Na reunião dos coordenadores ficou acertada uma carta da Direção ao professorado.

Um grupo de alunos do 1º grau vai, devidamente acompanhados, visitar a VII Bienal Internacional do Livro, no Riocentro. Sofreram com a espera: cerca de 30.000 colegas de diversas escolas, também pleitavam vaga. Regressaram às 20h (em vez de 18h) e, seguramente, pouco observaram. Difícil mover-se em meio à multidão!

25/08- As mulheres da casa - e não são poucas - inventaram a brincadeira do "Homem São Vicentino" para compensar o "Dia da Mulher". Começam por etiquetar cada Adão com aqueles dizeres. Em cada recreio nova homenagem aos homens, simplesmente pelo fato de o serem: sala de recreio dos professores devida e cuidadosamente adornada, mesa recheada de tortas, salgadinhos, etc. Não faltou sequer caracterização: capacete e espadachim (feitos de jornal) como homenagem a Duque de Caxias, Patrono do Dia. Feliz iniciativa, oportunamente realizada!

26/08- A Semana Cultural, desta vez comemorativa dos Cem Anos do Cinema, explode desde a manhã e promete novidades.

27/08- Regressaram de Serra Negra os participantes do Congresso da Fiocruz com o professor Bira.

28/08- Os problemas continuam na faixa da normalidade. Alunos do 3º A protestam contra as mediadas disciplinares objetivando o "direito adquirido". O diálogo com a coordenação foi bastante violento.

No horário do recreio, recital da Semana Cultural. Ator vindo de fora.

29/08- Show de mestres durante o recreio. Alguns números bem interessantes. Louve-se a disposição de se apresentarem descontraindo diante de um auditório repleto e nada ingênuo!

30/08- A partir de hoje, Pe. Almeida irá nos



Cerimônia de abertura das Olimpíadas do Primeiro Grau I

próximos dias substituir Pe. Visitador na Assembléia Regional de C.R.B. a se realizar na Curia Provincial da Filhas da Caridade.

31/08- Faleceu esta manhã a aluna Carolina Saraiva Saad que se achava em coma havia três semanas. Haverá representação do Colégio no sepultamento. Deixa este mundo aos 7 anos de idade, ficando desolados os pais, e participando os coleguinhas da turma 12 também decepcionados com tal perda. A notícia foi dada no Conselho Pedagógico.

01/09- A Semana Cultural foi excelente teste para mostrar que os alunos são capazes de pontualidade, quando percebem que a exigência é para valer e é útil a todos. Foi notável o esforço da parte deles.

Nasce Gabriel, neto da professora Marlúcia, filho de Delaine - chegado um pouco antes da hora, mas recebido com muita alegria. Parabéns!
Pe. Almeida viaja a noite para Irati - PR, a fim de participar em nome da PBCM do festejo dos 70 anos daquela casa.

02/09- Aparece o novo jornal de um grupo de alunos, denominado *Virus*. Mas do que vírus, à primeira vista parece mais um lamaçal, tal baixo nível que atinge de pornografia e erotismo e, sobretudo, de irresponsabilidade, pois ninguém, nem grupo algum, assumiu a responsabilidade da cria.

03/09- Às 10:00h falece Antônio Freire, funcionário licenciado (por enfermidade, AIDS) da Casa Central da PBCM. Era pessoa de bom relacionamento e de toda confiança, tendo trabalhado na Casa Central cerca de 20 anos.

04/09- Vindo para escola pela manhã, a funcionária (Biblioteca dos pequenos) Eliane falseou o passo e torceu o pé, com fratura que exigiu cirurgia.

Enterrado no Cajú, Antônio Freire, falecido ontem às 10:00h.

Ao meio dia, chega de volta do paraná o Pe. Almeida, após 14 horas de viagem.

Falece no Hospital São Vicente de Paulo, Pe. Domingos da Silva, de alguns dias ali internado.

05/09- Exéquias e sepultamento de Pe. Domingos Silva. Tendo-se atrasado o vôo em que vinha o mano dele, D. Augusto César Ferreira da Silva,

este percebeu a dupla notícia desagradável: a morte e o sepultamento já acontecido.

07/09- Pe. Almeida viaja a Belo Horizonte e Bambuí para falar aos co-irmãos sobre a PBCM pós Concílio Vaticano II.

10/09- Viajam os co-irmãos disponíveis para a Assembléia Provincial, a se realizar no Caraça, de 12 a 15 deste. Além dos PP. Célio e Rafael, já em Belo Horizonte, viajaram: PP. Sales, Domingos e Venuto, permanecendo no Rio Pe. Almeida, que só deverá viajar para o Conselho Provincial, em Belo Horizonte.

11/09- O coordenador de Pastoral, Sérgio Maia, entrega a Direção a seguinte lista de pessoas temporariamente - mas não simultaneamente - afastadas do serviço. São elas: Professores Edson e Miriam (de História: depressão); Professora Cláudia Marçal (gravidez); Professora Luci (pé torcido); Eliane e Mira (música, pé quebrado); Beth (Supletivo, aborto); Inésia (inspetora, cirurgia na vista); Cristina (inspetora, hérnia de disco); Luisa (Geografia, cirurgia nas cordas vocais); Suely (coordenadora de disciplina, coração); Walmiria (coordenadora de disciplina, coluna); Mônica (Geografia, micose); Helcy (Supletivo, depressão); Luis (inspetor, infecção facial). Sem esquecer que a professora Inah esteve, no 1º semestre, com hepatite - que a afastou por mais de um mês - Viva a saúde nacional! Salva-se a decantada honestidade do ministro. Cláudia (Ciências, no CTI, ainda afastada nesta semana)

12/09- Abertura das Olimpíadas 95. Cerimonial no 4º andar pela manhã e pela tarde, com a presença das coordenações, professores (dos pequenos do primeiro grau) e o diretor - na condição de orador e fotógrafo. O organizador e promotor, Paulo Nascimento, coordenador de Educação Física, esmera-se em transformar o ato em cerimônia cívica.

Falece, às 16h, na Clínica São Vicente de Paulo, de insuficiência respiratória, Oswaldo de Souza e Silva, filho caçula do ex-coordenador do 2º grau, prof. Jorge Luis de Souza e Silva. Excepcional e com grande deficiência visual e auditiva, Oswaldo, 38 anos, conseguia comunicar-se bastante bem em casa e nos ambientes familiares, manifestando sempre grande capacidade afetiva. Fez a primeira

comunhão e participava regularmente de missas dominicais. A pedido da mãe, o corpo será velado na Capela da Casa Central até o momento da sepultura.

14/09- Pe. Almeida viaja para Belo Horizonte para o Conselho Provincial, devendo regressar sábado de manhã.

16/09- Voltando hoje da suspensão de uma semana - imposta a alunos de 3º ano expulsos de sala pelo professor por indisciplina - o aluno Felipe Belford K. de Freitas, a quem, entretanto, se concedeu fazer os simulados. Às 8h, reunião de pais do 3º ano, convocados nominalmente, por faltas de nota e de presença em situação crítica. Foram chamados 47 pelo correio. Vieram 12! A reunião, entretanto decorreu em clima bem pedagógico e proveitoso.

19/09- O Professor Casanova, responsável pela edição do *Vírus* procura a Direção. Ele expõe seu modo de ver o acontecido. Pe. Almeida aceita o lado positivo da história mas deseja uma reparação à comunidade ou instituição, já que o total anonimato da publicação a torna um panfleto irresponsável dada a qualidade de algumas matérias. Casanova aceita as ponderações e garante que será dada uma satisfação no número 2, a sair em novembro. Suspensos 21 alunos da turma 71 por falta grave em sala na ausência da professora. Houve quem se atrevesse a mexer nos papéis da professora Margarida Nunes Martins à cata de prova. Ninguém assumiu, apesar de grande parte dos presentes ter assistido e, mesmo, estimulado. A coordenadora Nina conduziu pessoalmente o processo já que, no momento da falta, a orientadora Heloísa ainda não havia chegado à escola. Decidiu-se, também, convocar os pais dos mesmos para uma reunião. Lourdinha Tura participando de reunião da AEC-Brasil. Apresenta-se à sala das Voluntárias a aluna da turma 82, Carolina Ribeiro de Oliveira, oferecendo-se para trabalhos compatíveis com sua condição de estudante. Alegria geral da parte das veteranas.

20/09- Pe. Almeida, acompanhado das professoras Marlene Lydía, Maria Lúcia V. Gomes e Maria Cristina V. Teixeira, compareceu ao cemitério de Inhauma para o velório do pai da professora Célia Maria Duque Estrada M. Menezes, falecido aos 68 anos após um ano de luta contra a enfermidade. Seu nome: Lezildo Dagmar Duque Estrada Meier. À noite, APM. Novidade: papel próprio timbrado com nova logomarca e endereço completo com número do telefone: 285-7900.

21/09- Na reunião da 1/2 sobre *A Chama*, realizada entre o presidente da APM, a sra. vice-presidente e Pe. Almeida, não produziu muito. Há coisas preliminares a serem esclarecidas antes de se pensar em outro número da revista, que em princípio estaria prevista para o 2º semestre deste ano. No Conselho Pedagógico, após as comunicações, o jornal *O Vírus* tomou o resto do tempo. Muitas intervenções de que resultou não ser o jornal tão horrível quanto pareceu à primeira vista. Os autores (anônimos) prometem reparar na 2ª edição os revalos da 1ª.

22/09- Aos inspetores foi referido o ocorrido na reunião da APM de 20 deste, em relação às denúncias de tóxico à porta do Colégio, sendo particularmente suspeitados os vendedores estacionados à porta do Colégio. Notícia-se o falecimento do Mons. Ney Sá Earp, grande defensor da natalidade e, portanto, dos meios naturais de contracepção e inimigo incansável das práticas abortivas; grande perda



Show dos Mestres na Semana Cultural do 2º grau em homenagem ao Cinema

para o clero diocesano.

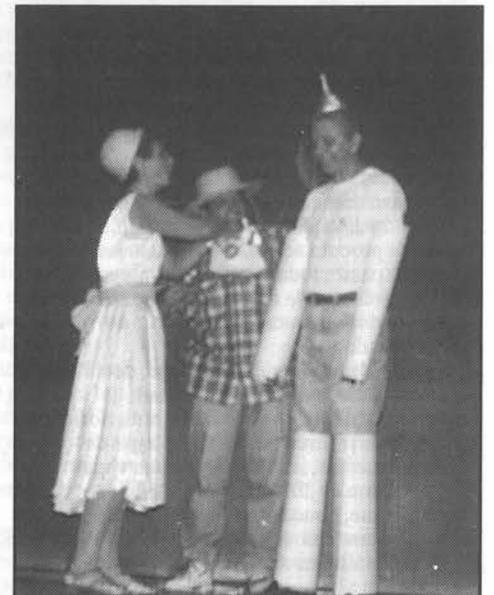
• Nasce Miguel, filho do professor de Português do 1º grau, Marcio. Parabéns!

25/09- Circulares aos alunos de 1º grau I, tentando conquistar voluntárias para o núcleo do Colégio. A circular foi escrita nas proximidades da festa de São Vicente.

26/09- Pe. Marcelo vai ao II Batalhão da Polícia Militar representar o Colégio na reunião que o novo comandante promove para diretores e outras personalidades. No Colégio Santo Amaro, foi sediado encontro da AEC, excelente reunião do Projeto Sexologia, organizado pelo departamento de Pastoral, tendo à frente o professor Sérgio Maia. Durou toda a manhã. Do São Vicente, compareceram os alunos que se preparam para a Confirmação. 17h, reunião dos pais da turma 71, da qual 21 alunos foram suspensos por assumirem solidariamente a falta acontecida em sala na ausência da professora. Reunião difícil e tumultuada. Presentes: Nina, Heloísa, Walmíria - que se manteve silenciosa - e Pe. Almeida - que só falou no encerramento. Oxalá se tire fruto de tal reunião. Bom número de pais presentes e quase todos os alunos.

27/09- Festa do Patrono. O programa-convite saiu, uma vez mais, com atraso enviado que foi às famílias na segunda-feira, dois dias antes da solenidade. Coisas do São Vicente. Apesar disso, tudo correu com desenvoltura, notadamente as duas celebrações eucarísticas, ambas bem frequentadas e participadas. Os recreios foram adoçados com belas tortas - deliciosas! segundo os que provaram. E o bolo da festa à noite foi monumental.

28/09- No Conselho Pedagógico, a reflexão incidiu o tempo todo sobre as publicações do dia nos jornais *O Globo* e *JB* a respeito do "prato do dia", isto é, sobre a questão de medidas tomadas pelos Colégios São Vicente e Sion, assinando conjuntamente uma carta às autoridades, a começar pelo sr. governador - com cópias para o secretário de segurança, o sr. prefeito, o comandante do 2º BPM, a RA. Houve, ontem, várias "batidas" dos órgãos públicos aos pontos de vendedores ambulantes, buscando drogas - que não encontraram. O comandante do 2º BPM esteve com o diretor garantindo serviços. Repórteres do *Globo* e *JB* também caíram de pára-quedas. Houve indiscrções e imprudências que fizeram correr risco de piorar a situação; ao tratar com repórteres, toda a prudência é pouca, mas, às vezes, falta. Durante o dia, o assunto dominante foi exatamente esta questão que tem



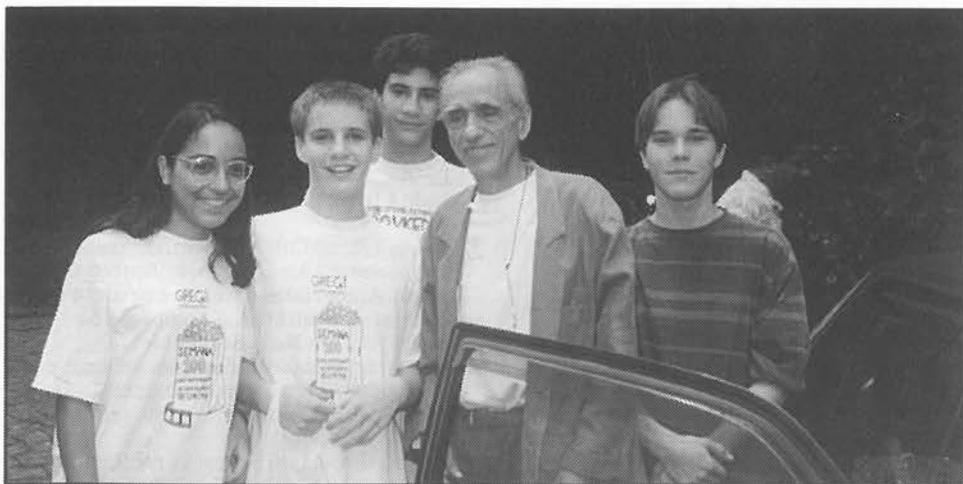
Cristina, Luis Sérgio e Sérgio Maia representando O Mágico de Oz

inúmeros ângulos e vai fornecer muito argumento para tomadas de posição

29/09- Nova matéria no *Globo* sobre o assunto em pauta. Como já vigorava desde ontem, a ordem de ninguém (dos educadores) dar entrevista a nenhum órgão da imprensa, os alunos foram as vítimas dos repórteres, à saída das aulas. Muitas coisas vêm à luz. À tarde, juntamente com o dr. Sérgio Abla, Pe. Almeida recebe o companheiro da baleira (a Baiana ou D. Gilda) para ouvir suas queixas e mostrar que a intenção da direção do Colégio é apenas obter das autoridades públicas o cumprimento da lei, lamentando que a intervenção feita a modo de operação de guerra e o vazamento da notícia para a imprensa tenha produzido os efeitos colaterais atingindo as pessoas no seu trabalho. Pe. Almeida insiste que o que deseja é o cumprimento da lei, isto é, que não haja vendedores na portaria do Colégio situada em rua principal.

30/09- Os alunos do 2º grau, com seus coordenadores, se movimentam no sentido de oferecerem um pensamento comum sobre o mérito das acusações aparecidas no jornal *O Globo*, à base de entrevistas com menores.

01/10- Pe. Almeida, em Juiz de Fora, para



Betinho no Colégio São Vicente de Paulo com o grupo de chorinho da 8ª série



Durante o Domingão, alunos e crianças das creches comeram pirulito Galo Doce

compromisso pastoral e apoio à iniciativa comunitária, na Paróquia de Monte Carlo onde, em 96, animou pequena missão popular de dez dias.

02/10- O Colégio expede pelo correio uma circular da Direção, esclarecendo aos pais de alunos os acontecimentos dos últimos dias, bastante deturpados pelos meios de comunicação.

- No seção "Cartas dos leitores", de *O Globo*, aparece o protesto dos moradores do Edifício Daniel Mc. Lise, rua Cosme Velho, 415, contra a indicação do edifício como residência do dito *Bate-Bem*, acusado de ser o traficante maior e aliciador de alunos do São Vicente e Sion.
- Movimentam-se os alunos de 1º grau (GREGI) para a organização da Semana Cultural, como a do 2º grau, comemorativa dos 100 anos do Cinema.

03/10- No 4º andar, aparecem os stands com os cartazes da 2ª Semana de Filosofia, patrocinada pelo grupo respectivo do ICH. Desta vez, em evidência as filosofias hindú, africana, oriental, etc. Sem omitir a homenagem à filosofia Grega. À noite, viaja para Moçambique Pe. Sebastião Mendes Gonçalves, que estava de férias desde julho, tendo participado do V COMLA, em Belo Horizonte (julho) e do Encontro Interprovincial das Filhas da Caridade (em final

de setembro). Em Moçambique ele é, atualmente, assistente do vice-provincial, ecônomo e diretor provincial das Filhas da Caridade.

04/10- Paiva, doente, não vem à Escola, apesar de ser dia do ICH. Assiste à reunião do ICH um professor de Filosofia, trazido pelo Jorge Miranda, para falar aos alunos, por ocasião da Semana de Filosofia. Também esteve em visita na casa um monge hindú.

- Anunciado o falecimento do dr. Plínio Corrêa de Oliveira, principal corifeu da STFP (Sociedade Brasileira pela Preservação da Tradição Família e Propriedade); nos anos 60, durante a ditadura militar, a sociedade esteve em alta, muito combativa, mantendo a revista "Permanência" liderada, aqui no Rio, pelo dr. Gustavo Corção. Um dos redutos do "movimento" é a Diocese de Campos, cujo bispo, D. Castro Maier, faleceu praticamente herege por ter desobedecido formalmente ao Papa, participando da Ordenação do Bispo sucessor de Mons. Lefèvre, na Suíça.
- Às 17:30h, após várias tentativas infrutíferas, o jovem Cedric Martins, que alguns, pela fama de brigão, denominam *Bate-Bem*, esteve com Pe. Almeida, estando ele acompanhado por Patrick, aluno do Supletivo, e o Pe. Almeida assessorado pelo dr. Sérgio Ablá. Foi uma conversa de esclarecimento (teórico) das

posições. Poucas conclusões a se tirar só da entrevista. Ele mostra-se educado, mas tem péssima fama. Parece atrair meninada como um ídolo.

05/10- Conselho Pedagógico. Foram discutidos alguns critérios para se permitir a entrada de estranhos, por exemplo, para filmagens, entrevistas. De modo geral, serão admitidos quando se tratar de interesse pedagógico dos alunos. Observa-se que, muitas vezes, a escola é apenas usada.

- A reunião com as candidatas a Voluntárias da Caridade, marcada para às 16:30h, aconteceu com a única que atendeu ao convite. Tem-se que semear muito ainda.
- À noite, um grupo de teatro (de fora) apresentou, a convite dos organizadores da Semana Cultural do GREGI, a peça "Romeu e Isolda", com pouco público mas grande êxito.

06/10- Na reunião dos inspetores, as atenções voltaram-se ainda sobre os acontecimentos da temporada, positivos e negativos. Quanto aos pontos relacionados a drogas, refletiu-se sobre a possibilidade de modificar a portaria dos alunos e de afastar o mais possível os pequenos da atual portaria central.

08/10- Realizou-se o Domingão Vicentino. Cerca de 60 crianças de famílias modestas trazidas pelos pais foram acolhidas por um bom grupo de alunos (uns 30), destacando-se os do 1º grau 2; durante toda a manhã, nossos alunos mantiveram as crianças em plena atividade, tendo, para isso, comparecido dois professores de Educação Física, além dos já habilitados em capoeira e outras artes. O lanche foi abundante e o banho de mangueira, no final, um sucesso.

09/10- Faleceu, ontem às 21h, D. Madeleine Pine Leitão, mãe de aluno fundador (1959) e 1ª Presidente do Núcleo das Voluntárias da Caridade (1960, ao serem organizadas no Colégio, por acasão da comemoração do 3º centenário da morte de São Vicente de Paulo). Era professora aposentada do Colégio Sion. Foi, também, simultaneamente, 1ª Presidente Nacional das Voluntárias até que a saúde debilitada forçasse a se ausentar. Compareceu à última celebração de aniversário do Núcleo, em agosto passado - 35 anos - e, então, doou algumas alfaías ao Núcleo. Será sepultada hoje à tarde, no Cemitério São João Batista.

10/10- As Voluntárias promovem lanche e brincadeiras com as crianças das famílias assistidas; é a antecipação do Dia da Criança.

11/10- Desde segunda-feira, só têm vindo ao Colégio alunos de primeiro grau, uma vez que o segundo grau já está de recesso. Bons feriados. A partir de amanhã, até 16, a Escola estará em silêncio nas salas de aula.

- Festa antecipada da criançada durante o dia.

16/10- Celebração do dia do mestre em todos os recreios, buscando-se, assim, reunir os diversos setores num mesmo clima de celebração e oração reflexiva. O coordenador pastoral prepara, com antecedência, um texto para liturgia, que parece ter agradado. Muito bem preparado, de fato.

17/10- Chega ao Rio Pe. Lauro Palú, ex-diretor do Colégio e atual assistente geral da CM, em Roma. Ele vem para a visita canônica à província, começando com 2 dias de Conselho Provincial, seguindo-se a visita formal à Casa Central e adjacências nos dias 19 e 20.

18/10- Reunião da APM - reunião frutuosa em que várias questões foram discutidas e decididas, particularmente em referências à próxima edição da *Chama*.

19/10- Conselho Pedagógico com a presença dos coordenadores verticais. Pe. Lauro acompanhado Pe. Célio Maria Dell'Amore, visitador provincial, esteve presente à reunião e começou por dar uma visão dinâmica da Família Vicentina em suas diversas situações no mundo. A reunião avaliou o resultado da recuperação parcial de agosto. Apesar de não ideal, o resultado foi considerado proveitoso, direta ou indiretamente. Várias sugestões foram dadas no sentido de se fazer melhor a do final do ano.

20/10- O aluno André César Renoud, 2ºC, useiro e vezeiro em práticas extradisciplinares, acaba de arrebentar, com um ponta pé, o cano do ar condicionado. O custo será cobrado à família e o aluno será convidado a se retirar imediatamente da Escola, podendo vir fazer as provas se quiser, mas já se sabendo praticamente reprovado.

Na reunião dos inspetores, acertou-se que, de agora até o final do ano, os componentes da Diretoria do GREGI só poderão ausentar-se da sala de aula com prévia autorização escrita da Direção. Portanto, a movimentação deverá fazer-se no recreio ou em tempos extras. Isso, para salva-guarda da disciplina e para benefício dos próprios alunos.

Às 10h, novo encontro com Betinho no Ginásio, com a presença de mais de cinco Colégios, cada qual representado por um grupo de alunos. O excesso de gente aconselhou a se voltar para o ginásio coberto, que havia sido a primeira opção de local. Como da outra vez, foi emocionante a presença do Betinho, profeta da nova cidadania.

21/10- Feira de Ciências na parte da tarde. O grupo esmerou-se na preparação, numerosos projetos em geral bem interessantes, graças, sobretudo, à eloquência dos alunos que patrocinaram. Não parece ter sido frequentado por muita gente de fora.

À noite, sob forte chuva, reunião na Casa Central, dos ex-alunos da CM com os padres da Casa e o Pe. Lauro. Festa animada, durando até a meia-noite.

22/10- Pe. Célio viaja cedo, acompanhando Pe. Lauro Palú, para Belo Horizonte.

23/10- À noite, 1ª turma de batizados, em vista da primeira eucaristia, em início de novembro. Após a cerimônia, como sempre, ouviram-se comentários elogiosos. Foram feitas algumas observações à folha da celebração (que vem apresentando, cada ano, as mesmas pequenas falhas. Pequenas, mas não desprezíveis).

24/10- Às 19:30h, Dom José Carlos de Lima Vaz celebra a Eucaristia na Casa Central, assistido

pelos padres Almeida, Marcelo, Venuto e Célio (Visitador). Belíssima liturgia, na qual cerca de trinta pessoas - alunos do 2º grau, do Supletivo, professores primários - receberam o sacramento da confirmação ou crisma. A última cerimônia de Crisma havia sido em 1987. Valeu a pena! Sempre mais, Sérgio Maia e equipe! Tudo muito bem preparado. O bispo soube colaborar fazendo com afeto este contato pastoral.

25/10- Aniversário natalício do Pe. Horta, Fundador do Colégio. 88 primaveras!

26/10- A reunião com os coordenadores foi dedicada à reconsideração da 2ª prova de recuperação. O assunto será levado ainda à discussão dos coordenadores verticais na 2ª ou 3ª feira à noite.

27/10- Chegou-nos, pela madrugada, a notícia do falecimento em São Paulo de Pe. Rafael de Paulo Lopes que, para lá, se dirigira à espera de um último recurso da medicina, em vão. Era chegada a hora. Faleceu com 58 anos de idade. Hoje, às 20h, na Capela da Casa Central, 4ª e última turma de Renovação das Promessas do batismo - com o batismo dos que ainda não o eram - sendo celebrante Pe. Marcelo Mota. Segunda-feira foi a primeira turma, presidida por Pe. Almeida; a segunda, na quarta-feira, foi oficializada pelo Pe. Célio Maria Dell'Amore, Visitador.

28/10- Festa do patrono da Paróquia a que pertence o Colégio São Vicente de Paulo - São Judas Tadeu, Apóstolo e Mártir. Apesar do mau tempo - que mais tarde se tornou chuva -, o povo honrou a tradição, concorrendo em massa; celebrando às 6h, Pe. Almeida já



Crianças do Domingão depois do refrescante banho de mangueira

encontrou a Igreja lotada.

29/10- Pelo calendário da CNBB, hoje seria o Dia Nacional da Juventude. Na realidade, nem um pio sobre o assunto.

30/10- A chuva continua a cair abundante desde sábado à tarde, sem mostra de querer parar.

31/10- Às 17h, no Colégio Zacharia, Assembléia Patronal sobre a Medida Provisória recém lançada. Aproveitou-se para se estender a todas as escolas sindicalizadas, a Campanha do Betinho "Por um Natal Sem Fome".

Às 19h, reunião das coordenações verticais e pedagógicas sobre a segunda recuperação. Reunião de aprofundamento muito proveitosa.

01/11- Pe. Almeida vai à consulta médica, previamente marcada no Hospital São Vicente de Paulo. Aproveita para visitar os co-irmãos internados, padres Pelissié e Clóvis - levado hoje ao Hospital devido ao estado de extrema fraqueza, para ser submetido a exames.

Segunda apresentação do grupo "Faz Escuro Mas Eu Canto", com a peça "Um Lamento Pela Morte de Anne Frank". Belo espetáculo do professor Almir Telles com os alunos de teatro. Amanhã, recomendarão a trabalhar na apresentação do "Calabuço" para breve.

03/11- Recesso para o 1º grau e para todos os funcionários que não trabalham aos sábados. No 2º grau, teoricamente funcionando, muitas faltas de alunos. É bom viver em país rico, onde se pode à vontade multiplicar as "pontes" de final de semana!

04/11- No Estado de Israel, é assassinado o primeiro ministro Itzhac Rabin, Prêmio Nobel da Paz, pelo esforço com que vinha, passo a passo, contruindo a paz no Oriente Médio, de parceria, sobretudo, com o líder da OLP, Iasser Arafat. Superadas as divergências fundamentais entre israelenses e palestinos, abordou a da fronteira com a Jordânia (e seu rei Hussein), esboçando, por fim, as tentativas com a Síria e o Líbano. O assassino é um jovem israelense (25 anos), fundamentalista ferrenho, que se diz agir por conta própria. Era um momento de grande exaltação política de Rabin. Que seu sacrifício seja o preço de novos e firmes passos na conquista da paz!

06/11- No hotel Copacabana Palace, café da manhã com o cônsul de Israel, ao qual compareceu, além de Pe. Almeida e de quatro irmãs do Sion, vários sacerdotes e pastores, todos a convite do consulado para incrementar o turismo na Terra Santa. Necessariamente, tudo foi precedido de comovente homenagem ao ilustre falecido do dia anterior.

07/11- Bazar da Caridade das Voluntárias na portaria do Colégio.

Na reunião da comunidade, decidiu-se instalar no Colégio um fax independente do da Casa Provincial.

09/11- Conselho Pedagógico sem APM e sem Grêmio. Sérgio Maia comunica o êxito da reunião pós-crisma realizada com os crismados. Foi visto o filme da liturgia e foram levantadas questões de como se prosseguir no engajamento.

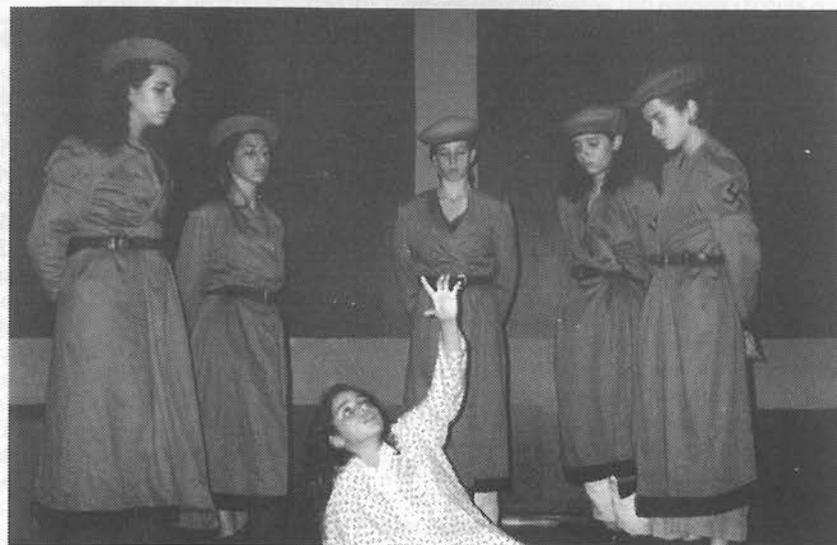
Última reunião dos pais e alunos da 1ª Eucaristia. Os alunos, com os catequistas, fazem o ensaio geral dos cânticos e revisão dos ritos da 1ª Comunhão.

O grupo "Calabuço" apresenta-se em grande forma com a peça "O Mambembe".

11/11- Hoje e amanhã, os alunos, a maioria de 5ª série, devidamente preparadas, recebem a 1ª Eucaristia. No total, 90 alunos.

A Feira de Ciências





Depois de assistir a “O Mambembe”, espetáculo do grupo Calabouço- 95, o presidente da APM, Walter Hess, entusiasmado com o que viu, pediu-me para escrever um artigo sobre o teatro. Diante de tamanho entusiasmo não pude recusar e agora, agradecido e lisonjeado, passo a cumprir o prometido.

Do “Mambembe”, precisava de muito tempo para falar das tantas coisas: do autor- Arthur Azevedo; do processo de trabalho com os atores; da direção musical de Rodrigo Cherulli; da concepção cenográfica, pesquisa e figurino com Celso Taddei, Andreza Bittencourt e Niuxa Drago e da minha alegria e toda equipe com o resultado final do projeto.

Tudo isso, se tivesse tempo, seria uma viagem muito interessante ao Rio de Janeiro do Final do século passado - mas os detalhes ficam para outra feita; porque eu quero o espaço para falar do espetáculo do Grupo Faz Escuro Mas Eu Canto-95, “Um Lamento Pela Morte de Anne Frank”, cuja realização não deixou passar despercebida a marca de 50 anos do final da 2ª Guerra Mundial. Este trabalho, que eu reputo um dos mais sérios e oportunos realizados pelo referido grupo, nos deixou muito contentes pela excelente receptividade que

teve - auditório lotado e calorosos aplausos; por isso, meus agradecimentos a todos, e espero que tenham levado consigo para meditar o drama da inocente vítima, a adolescente Anne Frank.

Antes de finalizar esta matéria, eu queria ratificar aqui o pedido que foi feito nas apresentações dos espetáculos este ano pelos responsáveis dos eventos: eu, à frente dos grupos do ginásio e científico, Lauro

CSVP- Faz Escuro Mas Eu Canto e Calabouço- completam 20 anos de atividade ininterrupta no auditório (sem ar condicionado). Aceito sugestões para as comemorações.

A todos os que ajudam a fazer arte neste colégio, a educação, no seu mais lato sentido, agradeço. A seguir, o texto do programa do espetáculo “Um Lamento Pela Morte de Anne Frank” e ao lado as fichas técnicas dos dois espetáculos.

Almir Telles, professor de Teatro

Das insanidades que nós, os humanos, muito infelizmente somos acometidos, a maior delas, nesse incomensurável mar sujo, sem dúvida nenhuma é a “Guerra”. Neste ano faz exatamente 50 anos que a 2ª Guerra Mundial, depois de quase seis anos de mortandade, teve o seu fim. (1945-1995)

A guerra é a expressão mais dolorosa e mais cruel da ambição do homem. Nada mais oportuno que lembrar sempre às gerações que se sucedem este trágico acontecimento. É por isto que o grupo de adolescentes do ginásio do Colégio São Vicente, Faz Escuro Mas Eu Canto, vem trazer em forma de um poema dramático alguns momentos da vida de Anne Frank - adolescente símbolo desta maldade que se chamou 2ª Guerra mundial; desta mancha escura que se chama ambição; e deste terror incompreensível, que se dá o nome de nazismo. Que Deus ilumine a mente e o coração do mundo, para que evitemos tragédias como esta dentro e fora de nós mesmos.

O MAMBEMBE

FICHA TÉCNICA:

Direção: Almir Telles
Músicas: Ricardo Pavão e Geraldo Torres
Direção Musical: Rodrigo Cherulli
Adaptação: Almir Telles e Rodrigo Cherulli
Iluminação: Aurélio Oliosi
Operação de Luz: Felipe Galdino
Figurino e Adereços: Celso Taddei e
Andreza Bittencourt
Painel: Flávio Pessoa
Produção: Grupo Calabouço e Grupo Sarça de Horeb

ELENCO:

Alfredo Taunay Junqueira
Álvaro Neiva

André Alvarenga
Ana Beatriz Suassuna
Christiana Minayo
Fernanda Barreto
Gustavo Guenzburger
Iná Mariante
João Rodrigo
Júlia Carvalho
Maira Sala
Marcia Mansur
Pedro Antônio
Sylvia Miranda
Victoria Rabello Ribeiro

MÚSICOS:
Rodrigo Cherulli (piano)
Alexandre Mofati (percussão)

ANNE FRANK

Ficha Técnica:
Direção: Almir Telles
Adaptação: Almir Telles e Rodrigo Cherulli

Iluminação e operação de luz: Aurélio Oliosi
Operação de som: Júlia Carvalho
Figurinos: Celso Taddei e Andreza Bittencourt
Trilha Sonora: Almir Telles

Elenco:

André Alvarenga
Elisa Addor
Julia Thomé
Laura Milidui
Lotus Osava
Ludmila Bruscky
Ludmila Simões
Maria Clara Rezende
Mariana Lima
Marina Felix de Souza
Mônica Machado
Patrícia Bley
e a participação de Celso Taddei e Rodrigo Cherulli

Perfil dos ex-alunos

Colégio São Vicente de Paulo
1967/1993

Sérgio Munck

1. Apresentação

Este texto procura complementar o artigo publicado na "Chama" nº 27 (Ago/95), sob o título *Quem é o ex-aluno do São Vicente?* A partir da tabulação das respostas aos questionários enviados por mala direta a um número expressivo, procurou-se traçar o perfil dos alunos egressos do Colégio abrangendo um período relativamente amplo.

O questionário, de processamento trabalhoso, tendo em vista sua extensão e com inúmeras "perguntas abertas", teve nesta fase privilegiado o tratamento quantitativo, mediante a análise das tabelas e gráficos elaborados. Há ainda um rico material a ser trabalhado, que poderá fornecer mais elementos sobre o perfil dos ex-alunos.

2. Caracterização da Amostra

O instrumento de coleta de dados foi enviado para aproximadamente 700 ex-alunos, que concluíram a 3ª série do 2º grau no Colégio São Vicente de Paulo. O número total de respondentes abrange o período de 1967 a 1993 e totaliza 153 alunos, equivalendo a 22% do universo. Maior número de respostas concentra-se entre os ex-alunos da década de 80 (55% do total da amostra), o que desde já caracteriza uma predominância de respondentes relativamente jovens, conforme a tabela ao lado.

Do total dos questionários respondidos, a maioria (55%) refere-se a ex-alunos do sexo masculino. Quanto à escolaridade no momento da pesquisa, observa-se que 53% possuíam nível superior completo e 29% haviam concluído cursos de pós-graduação. Segundo a atividade profissional liberal, seguindo-se: empregado (31%), empregador (18%) e funcionário público (17%).

No que diz respeito à renda individual dos ex-alunos, constata-se uma distribuição pelas 3 faixas consideradas no questionário, ou seja, até 10 salários mínimos (26%), de 11 a 20 s.m. (29%) e acima de 20 s.m. (45%). Já quanto a renda familiar verifica-se uma concentração na faixa acima de 20 salários mínimos (76%).

O estado civil predominante entre os respondentes é o solteiro (47%) e aqueles que responderam não ter filhos totalizaram 67% conforme as tabelas a seguir:

Distribuição segundo a faixa etária		
Faixas	nº	%
de 21 a 30	72	47,1
de 31 a 40	70	45,8
+de 41 anos	11	7,2
Total	153	100

Distribuição dos ex-alunos por grau de instrução		
Grau	nº	%
NS incomp.	06	3,9

NS cursando	22	14,4
NS completo	81	52,9
Pós-grad.	44	28,8
Total	153	100,0

Distribuição segundo o estado civil		
Est. Civil	nº	%
Solteiro	72	47,1
Casado	58	37,9
Desquitado	07	4,6
Divorciado	16	10,5
Viúvo	0	0,0
Total	153	100

Distribuição pelo nº de filhos (> de 7 anos)		
Filhos	nº	%
01	23	15,8
02	58	14,4
03	03	2,1
+ de 4	01	0,7
sem	98	67,1
Total	146	100

fonte de pesquisa CSVP-1995

A maioria expressiva afirma-se de orientação católica (68%) como pode ser observado no gráfico ao lado. Quanto a posição política, pergunta delicada, 84% declararam-se no amplo leque que vai da esquerda até o centro. Destacaram-se os de centro-esquerda que totalizaram 35%. Por outro lado, 2/3 informaram não atuar em nenhum movimento social. Dos que atuam, observa-se a seguinte distribuição: entidades profissionais (8%), partidos políticos (6%), sindicatos (5%), outros (5%), associação de moradores (3%), movimento estudantil (3%).

3. Atividades e Percepções dos Ex-Alunos sobre o período de estudo no Colégio

Na pergunta referente à participação em atividades do grêmio, a distribuição dos ex-alunos deu-se de acordo com a tabela ao lado, considerando-se respostas múltiplas. Dos que tiveram envolvimento, há um discreto predomínio das atividades culturais (22%).

Quanto à participação em atividades extra-classe destacam-se, pela ordem: torneios esportivos internos (15%), saraus (14%), feira de ciências (9%), reflorestamento (9%), exposição do profissionalizante (7%), organização de festas juninas (7%) e pintura do muro (6%).

83% dos respondentes não participaram do movimento estudantil (ME), enquanto que cerca de 1/3 dos alunos participaram na resistência à ditadura militar, seja em passeatas e atos públicos, seja militando em partidos ou organizações políticas. Conforme artigo anterior (Chama nº 27, pág. 26), ressalta-se que cerca de 60% não tiveram nenhuma atuação. No entanto deve-se considerar que, dentre esses casos, um número significativo completou o 2º grau a partir dos anos 80 (ver item 2), período de esvaziamento dos movimentos de resistência em função do processo de redemocratização do país.

Cerca de 57% dos respondentes informaram que percebiam a política educacional do São Vicente de Paulo enquanto alunos, embora 63% afirmem que suas famílias não tinham clareza desta proposta quando procuraram o Colégio.

Quanto aos valores que mais caracterizavam a educação do Colégio destacam-se "o valor da liberdade, do diálogo, do espírito crítico e criativo, formação para a cidadania, etc.", conforme tabela ao lado. Na opinião da maioria dos ex-alunos, estes valores perduram até hoje, total ou parcialmente, na sua vida cotidiana.

A última pergunta fechada, analisada nesta etapa de pesquisa, informa sobre a contribuição do Profissionalizante (entre 1972 e 1983) para a formação dos alunos. Apenas 35% dos ex-alunos consideraram válida a contribuição daquele ensino para sua vida pessoal ou profissional.

Distribuição dos ex-alunos segundo atividades e extra-classe		
Atividades	nº	%
Saraus	86	14,1
Conc. Fotog.	12	2,0
Reflorestamento	53	8,7
Feira de Ciências	54	8,9
Expos. Profissionaliz.	43	7,0
Teatro	35	5,7
Pintura do muro	39	6,4
Org. festa junina	43	7,0
1ª Eucaristia	34	5,6
Crisma	19	3,1
Conc. literários	12	2,0
Torn. esport. internos	90	14,8
Torn. esport. intercoleg.	33	5,4
Org. debates políticos	18	3,0
Outros	30	4,9
Não participou	09	1,5
Total	610	100

obs: respostas múltiplas

Distribuição dos ex-alunos segundo a participação no grêmio		
Posição	nº	%
Diretoria	15	7,1
Repres. Turma	37	17,5
Grupos de Trabalho	38	17,9
Atividades Culturais	47	22,2
Outra	07	3,3
Não Participou	68	32,1
Total	212	100

respostas múltiplas

Atitude da família em relação à participação política		
Atitude	nº	%
Incentivava	15	28,3
Aceitava	35	66,0
Não aceitava	03	5,7
Total	53	100

Distribuição dos ex-alunos segundo a residência a ditadura		
Participação	nº	%
Passeata	46	27,9
Partido	09	5,5
Outra	10	6,1
Não participou	100	60,6
Total	165	100

respostas múltiplas

Distribuição dos ex-alunos segundo os valores da educação do CSVP		
Valores	nº	%
Educ. Libertadora	94	12,3
Educ. Dialogal	86	11,2
Educ. p/ justiça	59	7,7
Educ. p/ Cidadania	84	11,0
Educ. p/ trabalho	36	4,7
Educ. p/ Vestibular	39	5,1
Educ. p/ Criativ.	93	12,1
Educ. p/ Evangeliz.	30	3,9
Educ. crítica	79	10,3
Educ. p/ Compr. Soc.	64	8,4
Educ. Liberal	52	6,8
Educ. Autoritária	24	3,1
Educ. Clerical	25	3,3
NRA	01	0,1
Total	766	100

respostas múltiplas

Fonte de Pesquisa CSVP-1995

FESBE 95

Por que o São Vicente estava lá?

O JOVEM E A CIÊNCIA NO FUTURO

Conforme apresentado no programa da FESBE em 1993, havíamos iniciado naquele ano um programa destinado a despertar e estimular vocações científicas entre estudantes de cursos secundários. Naquela ocasião convidamos um grupo de estudantes, e alguns de seus professores, para o nosso congresso e desenhamos para os mesmos uma programação especial além de incentivá-los a participarem de programação oficial do congresso. O evento foi de tal forma marcante que a FESBE e as instituições diretamente responsáveis pelos alunos, o Colégio Aplicação da UFRJ e o Programa de Vocação Científica da FIOCRUZ, decidiram fazer deste programa uma das atividades regulares de um projeto de longo prazo de educação para as ciências. Assim sendo, os alunos estão de volta este ano com uma grande novidade: além do programa semelhante ao de 93, alguns deles que já fazem estágio em diferentes laboratórios, apresentarão os seus trabalhos em forma de painéis. De novo, este projeto somente se viabilizou graças ao esforço das responsáveis nas instituições acima mencionadas, o apoio e a ajuda da Reitoria e Sub-Reitorias da UFRJ, da direção da FIOCRUZ, da FAPERJ e da VITAE. A FESBE também poderá, em função da consolidação do acordos em andamento, participar de outras iniciativas e programas de estímulo a vocações científicas. Assim, com o programa vigente e com as perspectivas futuras do estabelecimento de outros, a FESBE passará eventualmente a participar de um amplo leque de atividades de iniciação científica, abrangendo desde estudantes secundaristas a estagiários em projetos de pesquisa e com um forte componente de reciclagem de professores secundários de biologia. Acreditamos que estas atividades abrem uma nova e importante área de atuação da nossa Federação que passa a ser um fóro de criação, execução e discussão de projetos de educação nas ciências biomédicas, ampliando assim os seus escopos e as suas interações.



Realizou-se nos dias 23, 24, 25 e 26 de agosto deste ano, na cidade de Serra Negra, no interior paulista, a X Reunião Anual da Federação das Sociedades de Biologia Experimental (FESBE). Neste evento, estiveram presentes os alunos do CSVP, Andréa Maciel Essinger (2^oC), Branca Maria Opazo Medina (2^oC), Cristiano Prado Mertins Barbosa (2^oA), Flávia Teixeira Amâncio (3^oB) e Joana Rezende Cunha (3^oB). Tive a alegria de poder acompanhá-los.

A participação dos alunos vicentinos foi financiada pela própria FESBE, pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), pela FAPERJ, pela Fundação VITAE e pela UFRJ, uma vez que estes alunos haviam concluído seus estágios no já consagrado Programa de Saúde Joaquim Venâncio, da FIOCRUZ, tendo se destacado pela seriedade, responsabilidade e competência no período em que lá estiveram. Junto com o grupo de nosso Colégio, viajaram alunos e profissionais dos demais colégios que integram o programa (CEAT, BENNETT, PEDRO II, Cap UFRJ e Cap UERJ), além das coordenadoras do programa e pesquisadores da FIOCRUZ, num total de setenta pessoas.

De acordo com o que pude observar e com o depoimento dos próprios alunos, esta iniciativa traz contribuições decisivas para o aperfeiçoamento individual de futuros profissionais na área de Ciências (biológicas ou não). O evento colocou os jovens em contato direto com as mais recentes pesquisas realizadas no país e fora dele, ampliando o conhecimento específico sobre os assuntos tratados e, principalmente, levando-os a compreender melhor como se pratica a ciência no dia-a-dia, desmistificando-a e trazendo à tona as implicações sociais derivadas dos avanços científico e tecnológico.

Em outras palavras, o projeto em questão não visa tão somente a formação de pesquisadores em tempo recorde. Ele tem com objetivo a formação de cidadãos conscientes e preocupados com as mazelas sociais e devidamente instrumentalizados, para poderem atuar contra a perpetuação das mesmas, fazendo da ciência e da tecnologia meios de promover o bem estar geral.

Internamente, para o CSVP, acredito que a participação de nossos alunos na Reunião da FESBE, ainda que tímida no momento, deva trazer reflexos a curto e médios prazos. Os primeiros acontecerão de maneira informal e serão difíceis de se medir. É evidente que, dentro das salas de aula, esses alunos, com a bagagem adquirida, terão condições de aprofundar discussões e sugerir situações que deverão contribuir para o desenvolvimento da consciência crítica de todo o conjunto. A médio prazo, através de projetos desenvolvidos junto as coordenações e entidades representativas, terão oportunidade de multiplicar a experiência vivida, divulgando mais amplamente o Programa de Vocação Científica, este belo trabalho para o trabalho que se vem realizando.

Desta forma, espera-se maior envolvimento e participação da comunidade vicentina no referido Programa. Talvez já possamos sonhar com a ida de um número maior de alunos e professores de Biologia, financiado pelo próprio Colégio, à próxima reunião da FESBE (o Cap da UFRJ já agiu assim, este ano). Quem sabe, abriremos as portas para as aulas práticas de biologia no 2^o grau? Não podemos deixar de ter em mente que o convênio com a FIOCRUZ é mais um passo da escola no sentido de superar seus limites físico e técnico na realização de sua proposta, ou seja, na formação de agentes transformadores da sociedade.

E então? Ficamos apenas no sonho?

Jorge Ubiraja M. de Souza
(Coordenador de Ciências- 2^o grau)

Filosofia

do 2º ano do 2º grau

Professor
Jorge
Miranda

Na minha opinião, o curso de Filosofia dado hoje no Colégio São Vicente de Paulo é a mais importante disciplina do currículo escolar, além de ser a disciplina que mais acrescenta o aluno como cidadão "pensante". É bem verdade que o curso de Filosofia foi uma das únicas matérias dadas esse ano que vi utilidade na minha vida futura como pessoa.

A única coisa que, se pudesse, eu mudaria era não restringir o curso a somente quinze pessoas, às quartas-feiras, faria com que a Filosofia fosse representada como a química é, por exemplo. Seria ótimo se todos no Colégio pudessem pensar e discutir sobre os assuntos tratados nas aulas que interessam, e muito, a nós alunos do 2º grau.

O tempo de aula e de duração do curso também poderiam ser mudados, maiores... já que o amor à sabedoria existe há mais de dois mil anos.

Penso que cada momento e cada discussão foram importantes para nós. Toda a extensão do curso deve ser valorizada, pois cada detalhe foi importante.

Em qualquer lugar que se exerça alguma "função" e que, principalmente, não se está sozinho, deve-se ter compromisso com você e com os outros; para tudo na vida deve-se ter responsabilidade (não que eu seja a pessoa mais responsável do mundo, mas sei da sua importância).

Quando se gosta do que faz, dificilmente não há empenho, mas acredito que esse ano, pelo menos para mim, o Colégio foi extremamente pedante e sacrificante. Muita matéria, muita cobrança, muito trabalho, provas, enfim, muita coisa que você se vê obrigado a fazer e que não te levam a lugar algum, a não ser ficar desgastado quando se vai fazer algo que se gosta.

Não tenho o que criticar do curso de Filosofia, as minhas críticas são somente relacionadas a tempo de duração e grupo de alunos (são muito pequenos). Para mim, foi o melhor curso de ICH que já fiz.

Assim como muitas pessoas que fizeram o curso de Filosofia, acredito que eu cresci e amadureci muitas idéias.

Mais do que a parte de conhecimento dos grandes filósofos da história, o curso fez com que eu pensasse sobre a existência do homem, da sua degradação como ser humano, enfim, sobre as inúmeras discussões que nós tivemos.

Agradeço a você, Jorge, pela sua brilhante proposta de trabalho e pelo seu desempenho como profissional. Apesar de algumas injustificáveis faltas e muitos atrasos, minha participação nas aulas foi muito significativa, não só para mim, mas também para os outros integrantes do curso.

Foi muito bom ter tido você como professor de Filosofia e espero que você possa continuar mostrando o seu trabalho num Colégio como o São Vicente, que ainda tem a preocupação de formar seres pensantes.

Fabiana Motta de Araújo - t. 2C

O curso de Filosofia foi uma experiência diferente e interessante, porém longe de ser o ideal. As aulas apresentam temas muito interessantes que nos absorvem, fazendo com que esqueçamos de nossa preguiça e até falta de responsabilidade. Com isso, nas aulas, temos sempre muita vontade de agir, de sair por aí e mudar o mundo, e é aí que assumimos diversos compromissos. Entretanto, quando paramos de pensar e falar sobre o que sentimos a respeito de tudo, nosso desejo transformador desaparece e começamos a ficar mais relaxados em relação aos compromissos assumidos, às vezes, até deixando de cumprí-los.

O curso não apresenta erros graves, o Brasil, sim, apresenta vários problemas e um deles é o desinteresse, e não apoiar a Filosofia. Para ser uma coisa mais completa (e por que não concreta?) seria necessário que não só quatorze pessoas tivessem acesso a este conhecimento, e seria preciso muito mais que três ou quatro aulas por mês.

Não quero dizer que não houve grandes discussões este semestre, e que não surgiram assuntos interessantes. Com certeza, esses assuntos foram abordados, refletidos e analisados de forma consciente.

Este tipo de conhecimento (propagado nas aulas de Filosofia) nos ajuda a entender cada vez mais as situações que vivemos e que vemos acontecer. As aulas de Filosofia possuem uma característica muito interessante e distinta, pois, para que elas existam, não é necessário apenas o conhecimento do professor, mas também a participação dos alunos.

Durante o ano, foram propostos vários "passeios", mas a maioria não se

realizou. Deve-se ter um cuidado especial com essa parte do curso no próximo semestre. Poderia também melhorar e trabalhar um pouco mais com dinâmicas.

Denise Klein - t.2C

Conceitos de Sartre

Concordo plenamente com Sartre de que "a existência precede a essência", mas que sem essência nada seríamos. É fácil entendermos quando pensamos no nosso eu próprio, e nos olhamos no espelho e vemos que a nossa essência não é tudo aquilo que temos nas profundezas de nossos "eus". Pois creio que não exista um "eu só", este é formado, acredito eu, não só por aquilo que desejamos ser, mas da convivência de outras relações, como Kierkegaard disse: "o homem é a relação consigo próprio e com os outros". Por isso, foi para mim difícil escolher com qual filósofo eu iria trabalhar, pois cada um, tanto os filósofos como nós, pobres mortais, criamos uma própria filosofia em que acreditamos. Esta é construída dependendo em que época nós vivemos, e vida que temos. Também seria difícil para eu expor minha idéias sobre o homem, sem dizer de onde elas surgiram: da minha vida, pois este é o meu ponto de vista por causa dela, como eu sei que o seu será diferente por causa da sua. Penso diferentemente do grandes filósofos, que acreditam existir uma regra para o homem, sua existência e sua natureza, podendo até dividi-los em categorias. Não, não estou criticando-os, sem eles eu jamais estaria escrevendo o que penso agora, e de maneira alguma estou subestimando seus pensamentos (graças ao Colégio, descobri que adoro filosofia, lê-la e mal-e-mal tentar fazê-la), acho-os incríveis, e concordo com muitos, não querendo dizer que aquele ou outro seja errado, mas que eles não fazem parte da minha lógica de vida, mas os compreendo, porque às vezes sei, ou não, o que se passava para o autor pensar de tal modo.

Contudo, acabei optando por Sartre, que, apesar de termos vividos em épocas tão diferentes, seus pensamentos encaixam-se aos meus. Antes, irei citar alguns pensamentos dele, para depois discutí-los:

"O existencialismo ateu que eu represento declara que, se Deus não existe, há ao menos um ser do qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por algum conceito e que esse ser é o homem ou, como diz Heidegger, a realidade humana. O que significa aqui a existência precede a essência? Isso significa que, primeiramente, existe o homem, ele se deixa encontrar, surge no mundo, e que ele só se define depois. O homem tal como concebe o existencialista não é

definível porque, inicialmente, ele nada é. Ele só era depois, e ele será tal como ele se fizer. Assim, não existe natureza humana, já que não há Deus para concebê-la. O homem não é apenas tal como se concebe, mas tal como ele se quer, e como ele se concebe após existir, como ele se quer depois dessa vontade de existir - o homem é apenas aquilo que ele faz de si mesmo."

Defino, primeiramente, o que entendi sobre existência e essência. Existência, pelo que pude entender, é o ato de fazer, construir, se tornar. Por isso ele diz que, inicialmente, no meu ponto de vista, quando nascemos não somos nada. Pois não somos nós, este está sendo construído. Esta construção parte de nós, "o homem é apenas aquilo que ele faz de si mesmo". Não somos aquilo apenas que idealizamos para todo ser humano, mas o que fazemos de nós mesmos.

A essência é a história que construímos. Esta vem depois que já existimos. O que fizemos e em que contribuímos. A essência só viria antes da existência se Deus existisse, esse programaria nossos atos, o nosso eu, assim, nossa essência já estaria determinada.

Outros trechos de Sartre:

"Alguma coisa me acontece, já não posso mais duvidar, não foram necessários mais de três segundos para que todas as minhas esperanças fossem varridas."

"Éramos um monte de existência enfadadas, embaraçadas de nós mesmos, sem a menor razão de estarmos aí, nem uns, nem outros; cada existente, confuso, inquieto, sentia-se demais em relação aos outros. E eu - fraco, enlanguescido, obscuro, digerindo, movendo mornos pensamentos - eu também era demais. A palavra absurdidade nasce agora sobre a minha pena. E sem nada formular claramente, compreendi que havia encontrado a chave da Existência, a chave das minhas náuseas, de minha própria vida. De fato, tudo o que consegui aprender em seguida se reduz a essa absurdidade fundamental."

Como podemos ver, Sartre é um filósofo pessimista. Um dos fatos que podemos citar para esta característica é a época em que ele viveu: ele viveu na época das duas Guerras Mundiais.

Quando Sartre diz que encontrou a chave da existência, ele diz que a vida aconteceu por acaso, que ele na realidade não deveria existir. Pensa Sartre, que a vida é inútil, um absurdo, e assim como a Existência, tudo para este filósofo termina em absurdidade. Mas mesmo a vida sendo supérflua, ele pensa que, já que ela existe, devemos fazer tudo para que seja melhor possível. E este é o único ponto otimista de Sartre.

Nesta tese eu acredito piamente, por mais que me digam que a vida é linda e

maravilhosa, eu sempre caio num poço sem fundo. Posso fazer de minha vida perfeita, ser famosa, ter um bom casamento, fazer meus filhos felizes, e mesmo que eu me torne conhecida em todo o mundo, por ter sido a mulher perfeita, o que sou eu no tamanho de universo infinito? Dizem que Sartre era um homem que abominava a covardia, eu também. Minha cabeça diz que dizer que a vida é insignificante e absurda é a maior covardia que alguém já pode pensar, mesmo que o meu coração diga que ela é obra do acaso.

Entende, agora, Jorge, porque eu digo que nem sempre a Filosofia é uma boa? Precisa-se estar preparado para ouvir o que o seu "eu" vai lhe dizer, a sua cabeça, para se tomar a conclusão certa. A Filosofia pode ser perigosa.

Foi bom estudar com você e, se o seu objetivo era fazer com que eu me interessasse por Filosofia, conseguiu.

Feliz Natal e Ano Novo
Flávia

O tempo devora aos homens e o sentido que lhes pertence permanece como a incógnita de uma equação sem um conjunto verdade. Para cada verdade, uma convincente explicação que nos parece nítida e lógica, mas esbarra sempre no ponto de interrogação.

O que é o homem e qual o seu sentido? Me convenceria Karl Marx que o homem não passa de um 'conjunto de relações sociais'. Desde o início da nossa história, as relações sociais existem entre os homens como não se tem conhecimento entre os animais. A sociedade cria o ser, direciona-o paralelamente, transversalmente ou opostamente sua forma de pensar e agir como um membro social. O homem, de fato, não seria homem no meio de uma floresta e libertando após o parto cada filho em um ponto desta. Só seria homem quando houvesse o encontro entre os seres, os quais sentiriam a necessidade de relação social. As relações internas do homem seriam fruto e não causa da existência de um meio social.

Kierkegaard diria que o homem é uma "relação que se relaciona consigo mesma". Não haveria relação com o outro homem, se antes não houvesse uma relação com o próprio. Como chegaria a outro ser, se mal sabe quem é? A relação consigo mesmo se faz indispensável a cada relação social.

O caule das discussões é forte e seguro, porém, quando aberto em galhos, não há absolutismo na verdade de cada folha, de cada galho.

Gustavo Melo - t.2B

Olimpíadas 95



Campeão no futebol - turma 53

Final da Olimpíada - quanto entusiasmo! Quanta garra! Quanto empenho e dedicação! Desde a abertura (realizada no dia 12 de setembro com o 1º grau) até o último dia de competição (finais de futebol e de basquete do 2º grau, realizada no dia 26 de outubro) foram muitos dias de intensa vibração

O Colégio, literalmente, se coloriu. Os alunos vestiram suas camisas das cores de suas bandeiras que defenderam com toda a galhardia. A lamentar, apenas alguns fatos isolados de falta de maturidade desportiva, quando a responsabilidade da derrota encontra sempre um culpado: o juiz. Culpa da mídia? Da crônica desportiva que quase sempre esteriotipa o juiz como "ladrão", "corrupto"? Precisamos trabalhar muito a consciência crítica de nossos jovens, mas este é um trabalho que só tem resultado a longo prazo e se realizado por vários segmentos da sociedade: família, escola, entidade etc.

Agradecimentos especiais à APM, que ajudou no pagamento da arbitragem, aos grêmios que compraram as medalhas e à administração que arcou com todas as demais despesas para a realização deste evento. Não poderia deixar também de agradecer aos professores João, Ricardo, Rose, Gerson e José Eugênio, a Marleninha e a todos os inspetores que nos auxiliaram na sua execução.

***“Ensina-me a ser
obediente às regras do
jogo.***

***Ensina-me a não proferir
nem receber elogio
barato.***

***Ensina-me a ganhar, se
for possível; mas se não
puder***

***Ensina-me, acima de tudo,
a perder.”***

Inscrições encontradas nas paredes da biblioteca real do Palácio de Buckingham

Prof. Paulo
Coordenador de Educação Física



Revezamento
na 2ª série



Handebol
na 5ª série

DE 1ª À 4ª SÉRIES

Realizados 16 jogos de futebol, 16 de queimado, 8 competições de corrida de revezamento e 8 de bola ao cesto.

Bola ao Cesto

1ª série - Vinícius (amarelo), Gustavo (verde) e Bruna (amarelo)

2ª série - João Mariano (branco) e Paloma (verde)

3ª série - Gustavo (azul) e Isabela (branco)

4ª série - Leonardo Nabuco (verde) e Stefania (branco)

DE 5ª À 8ª SÉRIES

Realizados 12 jogos de futebol, 12 de handebol, 24 de basquette e 24 de vôlei.

5ª SÉRIE

Campeã turma 53 com 38 pontos

Vice-campeã turma 54 com 22 pontos

6ª SÉRIE

Campeã turma 63 com 32 pontos

Vice-campeã turma 61 com 26 pontos

7ª SÉRIE

Campeã turma 72 com 52 pontos

Vice-campeã turma 74 com 26 pontos

8ª SÉRIE

Campeã turma 81 com 36 pontos

Vice-campeã turma 82 e 83 com 22 pontos

2º GRAU

Realizados 17 jogos de futebol, 11 de handebol, 14 de basquete e 11 de vôlei

Campeã - turma 2ºD com 34 pontos

Vice-campeã - turma 3ºB com 20 pontos

3º lugar - turmas 2ºA e 3ºA com 16 pontos

Eles não são diferentes

um trabalho sobre deficientes físicos

Respeitando as indagações espontâneas das crianças, pré-adolescentes e adolescentes, estamos dando continuidade a um trabalho que se propõe desafiador da inteligência, no sentido construtivo do pensamento e reflexão.

Desta forma, o Núcleo de Pesquisa do CSVP acatou, por exemplo, a proposta eleita pela maioria de seus alunos, hoje na 5ª série, de investigar sobre os problemas dos deficientes físicos no Rio de Janeiro.

Para alguns espectadores, este pareceu um tema "pesado". Em contrapartida, podemos apreciar que ainda tão jovens, este grupo se sensibilizou por uma questão relevante, pouco respeitada ou, ao mesmo tempo, debatida.

Extraordinariamente, ao 24 alunos inscritos mostram-se muito estimulados no processo e não mergulham, em momento algum, em sentimento piegas diante das constatações.

O fato deste objeto de pesquisa ser motivo de discriminação por alguns, desconhecimento de limites e descaso por parte de várias instituições, grupos sociais e políticos governamentais despertou no grupo o fundamental para uma ação futura: o espírito crítico.

Curioso, ainda, que o próprio grupo deu ao trabalho final o título: "Eles não são diferentes". O contato com as pesquisas teóricas assim como diretamente com deficientes e pessoas envolvidas com o tema desmistificou a incompetência social de muitos portadores de deficiência física.

Aqueles que pareciam totalmente desprovidos testemunharam sua própria

capacidade e uma força pessoal exemplar para muitos, inclusive fisicamente perfeitos.

Extraordinária conquista deste grupo de jovens pesquisadores, que permaneceu no processo de uma iniciação à pesquisa; ganhara experiência com uma metodologia válida para futuras pesquisas; envolveu-se com carinho e respeito pelo tema; compreendeu que, muitas vezes, a maior limitação do deficiente não está nele propriamente dito, mas numa sociedade com poucos espaços para que os grupos excluídos conquistem uma cidadania plena.

É fato que todo trabalho de pesquisa que se propõe científico traz a preocupação de contribuir com o mundo em que vivemos. Acreditamos, portanto, que desta forma iniciamos uma educação para a vida, procurando conjugar teoria e pesquisa de campo.

Nosso intuito é abrir canais de escuta aos nossos alunos, facilitar-lhes a compreensão dos fatos e permitir-lhes observá-los dentro de um contexto social.

A experiência do "Núcleo de Pesquisa" vem abrindo este espaço: orientando leituras, visitas e constantes debates sobre o tema. Acreditamos que esta iniciativa seja um fértil terreno para contribuirmos com a formação de futuros cidadãos empenhados com a transformação social.

O trabalho sobre os deficientes está em fase de montagem de um vídeo com os resultados finais da pesquisa.

Maria Margarida Cardoso
(Coordenadora de Núcleo de Pesquisa)



Eficaram os curiosos

Com o interesse despertado em mim e nas crianças, através da apresentação do trabalho anterior do "Núcleo de Pesquisa" - "Mas que droga", resolvemos ampliar a idéia aos alunos de 3ª e 4ª série do 1º grau.

Foi feita uma chamada: "Vamos formar um grupo do Núcleo de Pesquisa com os alunos de 3ª e 4ª séries. Você gostaria de participar?"

Com o grupo formado, o trabalho começou pela votação do tema: preconceito.

Com a orientação da professora Maria Margarida, alguns ajustes e modificações, a trabalho vai se desenvolvendo com prazer e interesse.

Estamos em fase final, discutindo como passar o resultado de nossa pesquisa aos colegas, professores e pais.

Nanci Bezerra
(Coord. do grupo da 3ª e 4ª séries)

E os alunos pesquisadores, o que pensam sobre o trabalho de pesquisa?

"Eu aprendi a fazer uma pesquisa completa: primeiro indo buscar as diversas fontes, construir uma hipótese, procurar confirmá-la para chegar a uma conclusão. Finalmente, arrumar a bibliografia e montar o trabalho." Angela Vasconi - t.52

"O mais importante para mim foi o tema, porque o deficiente é muito discriminado no Rio de Janeiro. Isto, apesar de eles não serem diferentes." Tatiana B. Lens - t. 52

"Eu aprendi muitas coisas sobre os deficientes porque eu os julgava inferiores aos fisicamente normais. Mas, logo eu aprendi que eles são iguais." Fernando Pereira - t.52

"Eu gostei de trabalhar com este tema porque foi bom ver como são os deficientes, o que eles pensam e o que sentem." Juliana Casanova - t. 52

"Foi importante a gente ter estudado sobre os deficientes físicos porque percebemos que eles são capazes de fazer as coisas." Natalia Warth - t. 54

"Gostei de fazer o Núcleo porque mais tarde, quando eu for fazer outros trabalhos, vai ser mais rápido para eu pesquisar." Anita Magalhães - t. 54

"Antes, eu nem percebia que os deficientes físicos existiam, porque a sociedade não dá lugar para eles e nem os valoriza." Ana Salac - t. 54

"Gostei deste tema porque eu entendi as dificuldades dos deficientes físicos." Monica Souza - t. 54

"Esta pesquisa foi importante porque hoje em dia eu tenho uma visão diferente sobre o deficiente físico." Demian Mendes - t. 53

"No início, eu achei o método de pesquisa ruim, mas depois eu fui gostando porque o trabalho foi ficando interessante e construtivo." Emerson Binder - t. 53

Depoimento de alguns alunos 3ª e 4ª:

"Nós gostamos porque estamos conhecendo coisas novas." Sylvia - t. 32 e Isabela - t. 31

"A minha mãe sugeriu e eu achei interessante participar do Núcleo de Pesquisa. Eu não votei nesse tema e não gostei porque não sabia nem o que era preconceito. Mas depois, venho achando o tema legal." Jorge - t. 34

"Eu me empolguei com o Núcleo de Pesquisa porque estava a fim de aprender coisas que as professoras não ensinam em sala de aula." Icaro - t. 42

"Numa outra vez, eu entraria com mais empolgação porque, da primeira vez, foi uma experiência interessante." Alice - t. 42, Mariana - t. 43 e Isabela - t. 31

"Eu tenho um amigo que entrou no Núcleo de Pesquisa, achou o primeiro dia chato e saiu. Depois de um tempo, eu mostrei meu caderno e conversei com ele. Aí ele achou legal e se arrependeu de ter saído. Não voltou porque pesou que não podia." Lucas - t.33

De novo o Betinho na Escola

A manhã de 20 de outubro foi solenizada com a presença do sociólogo Herbert de Souza que escolhera pessoalmente nosso colégio como ponto de lançamento da campanha "Natal Sem Fome" no meio estudantil do Rio de Janeiro.

Eram cerca de 500 jovens presentes no Ginásio de Esporte, vindos de quatro ou cinco estabelecimentos, previamente contactados, além de nossos próprios alunos do 1º e 2º graus, por representações.

Recebido efetivamente às 10:30h, Betinho foi homenageado por vários números artísticos, poesia, conjunto musicais, canto, a cargo de cada escola participante.

Pelas 11:30h, ele tomou a palavra para mostrar o sentido da presença dos jovens no movimento nacional pela cidadania e contra a miséria e a fome.

A vitalidade de nosso Comitê Graúna, criado no dia 19 de maio de 1993, por ocasião de sua outra vinda ao Colégio, deve ter estimulado Betinho a estender o apelo a todas as escolas representadas pelas cinco presentes. Emocionado, contou vários episódios de participação, antes imprevisível, de crianças e adolescentes na Ação da Cidadania. No interior de Goiás, disse, um grupo de crianças cobrava pedágio dos passantes à entrada de uma cidade. O dinheiro destinava-se ao "movimento do Betinho". Um alto funcionário público, após dar a contribuição, continuou a viagem reflexivo: "Estas crianças estão fazendo a sua parte; eu, até agora, nada fiz para diminuir a fome no país". Solicitou e obteve uma área de terreno. Plantou um arrozal e colheu 270 toneladas. Ao remeter tal produto aos comitês, afirmava que o merecimento era todo das crianças do pedágio.

Os alunos que escutavam Betinho devem ter assumido também a mensagem e o propósito de passá-la adiante. Dias depois, na Assembléia Patronal dos Estabelecimentos de



Ensino, os diretores foram, por sua vez, desafiados a transmiti-la a suas escolas. Se cada aluno contribuísse com um quilo, umas cem toneladas serão acrescentadas ao "Natal Sem Fome".

Possa o Betinho visitar, muitas vezes, nossa escola e muitas outras, pois serão sempre proveitosas as lições de vida desse "Profeta de Nova Cidadania"

O Ginásio de Esporte ficou lotado para receber o sociólogo Betinho



Betinho e Caio Ferraz junto com os alunos participantes do Comitê Graúna

Como o sexo é tratado no SVP

Conversar com Teresa foi bastante prazeroso. Cheia de vivacidade e animação e com grande simpatia pelos adolescentes, foi bastante clara ao falar sobre o módulo de Sexualidade, sob sua responsabilidade. Este módulo é uma das possibilidades de uma matéria denominada ICH (Introdução às Ciências Humanas), que oferece também outros temas à escolha dos alunos: Saúde do Corpo, Comunicação, Política, Artes, Filosofia e Psicologia.

Com dois filhos adolescentes, eu estava bastante interessada em saber como o CSVP, através dessa professora e psicanalista, abordava o tema da sexualidade, assunto sempre complexo, apesar da maior liberdade existente nos dias atuais.

Teresa me diz que o programa das aulas é montado junto com os alunos, procurando atendê-los nos seus interesses, mas que determinados temas são considerados como importantes (anticoncepcionais e AIDS, por exemplo) e que, se não forem escolhidos, serão por ela incluídos. Nos seus três anos de experiência no Colégio, Teresa observa que há assuntos que são sempre sugeridos pelos alunos, enquanto que outros só aparecem em algumas turmas.

Numa aula, na qual abordava a diversidade do conceito de sexualidade em termos históricos e culturais, referiu-se de passagem à homossexualidade em Roma, comentando a forma como era encarada, diferente dos dias atuais. A intenção não era falar da homossexualidade, mas um aluno interrompeu, dizendo que todos os homossexuais deviam ser colocados no paredão e fuzilados. Ao invés de fazer preleções moralistas, do tipo, “que horror o que você está falando”, Teresa preferiu convidar o aluno a refletir mais sobre a opinião dele daquele momento, salientando que há pessoas que tem um comportamento diferente, o que pode despertar intranquilidades. Na aula seguinte, trouxe o filme “Meu Querido Companheiro”, para introduzir uma discussão sobre a homossexualidade, pois o filme mostra o homossexual como uma pessoa que brinca, que trabalha, que lê jornal, que vai à festa, que sofre... enfim, um ser humano. O aluno que tão intensamente havia se manifestado na aula anterior, ficou bastante interessado no filme, sem, no entanto, fazer nenhum comentário na conversa que se seguiu após a exibição.

Nessa turma, portanto, a homossexualidade surgiu como um tema que precisava ser abordado, embora não estivesse previsto.

De forma geral, os alunos ficam bastante calados, mais os meninos do que as meninas. Há ainda um certo constrangimento em formular perguntas, ou de emitir opinião, provavelmente por receio de mostrarem sua intimidade. Numa aula sobre anticoncepcionais, com a presença de uma ginecologista convidada, uma aluna queria saber porque algumas pílulas são coloridas, e comentou com Teresa que não podia perguntar na frente de todos, porque revelaria, com a pergunta, que tomava pílula, assunto de sua privacidade. O receio de se expor e, com isso, virar assunto para os outros, pode ser entendido como um cuidado muito positivo do adolescente com as questões de sexualidade que ele está descobrindo e vivendo de forma intensa e turbulenta. O adulto, por já estar em outro

momento da vida, muitas vezes não se dá conta que a naturalidade frente ao sexo vem com a vivência, e que não é própria da adolescência. Para essa aluna, Teresa disse que ela podia falar sobre a pílula sem falar da sua pílula, mostrando simplesmente que sabia desse método contraceptivo.

Por vezes, alguns alunos ficam inquietos, mexendo-se na cadeira, perturbados com o que está sendo falado. Por saber que o adolescente só vai tratar de determinados assuntos se puder, a saída durante a aula é permitida, sem que nada lhe seja perguntado.

Pergunto se já surgiu na aula a questão de levar o(a) namorado(a) para dormir junto em casa, o que me parece um tema bastante atual. Teresa diz que de uma forma direta, não. Mas em todas as turmas é falado que os pais atijam os meninos para a vida sexual e prendem as meninas, o que levanta a pergunta: se não é com as meninas, então com quem os meninos vão fazer sexo, já que não é mais a prostituta a iniciante da vida sexual dos meninos?

Teresa fala que muitas vezes a família não ajuda o adolescente, por ser difícil perceber e aceitar que seus filhos estejam crescendo. A ida ao ginecologista, por exemplo, com quem a menina poderá discutir métodos contraceptivos e esclarecer suas dúvidas, não é de fato uma medida corrente. E certamente daí decorre, em parte, o grande número de adolescentes grávidas. Percebe que o início da vida sexual das meninas ainda é vivido com muito sofrimento e culpa, assim como também para os meninos.

Comento que, em conversas com outros pais e reuniões da APM, foi falado do constrangimento do adulto com as manifestações dos adolescentes dentro da escola: abraços intensos, beijos calorosos, ficando a mesa de ping-pong do pátio como cenário principal onde essas coisas acontecem, o que me faz pensar em certo exibicionismo por parte dos rapazes e moças. Mas do lado do adulto, que fica constrangido, não surge nenhuma ação. Friso que não me refiro a ações do tipo, “é proibido beijar dentro da escola”, mas que percebo muitas vezes os educadores e os pais sem saber o que fazer com essas cenas que os perturbam. Se no passado a manifestação em público era bastante reprimida - e muitos pais e educadores dos atuais adolescentes viveram essa época -, hoje nota-se uma obrigatoriedade em ser “moderno”, o que significa não a qualquer limite e a qualquer restrição. Essa mesma “modernidade” faz com que muitos pais sejam forçados a abrigarem seus filhos e seus parceiros em casa, sem estarem na verdade concordando intimamente com esta postura. Tudo se passa como se também os pais e os educadores (os adultos, no final das contas) não pudessem reconhecer os seus limites, e se vissem impedidos de dizer, com franqueza, o que podem e o que não podem aceitar.

Pergunto, então, à Teresa se, ao lado do trabalho que já está sendo realizado com os adolescentes, não caberia um outro a ser realizado com os adultos.

Ela me diz que acha que uma das funções da escola é aumentar a possibilidade de as pessoas que circulam dentro dessa escola aprenderem a lidar com essas questões. Concorda que é importante fazer um trabalho de reflexão com os adultos, pois muitas situações difíceis acontecem em sala de aula, não somente com adolescentes, mas também com os menores. Quando acontece, por exemplo, de uma professora da 3ª série do 1º grau que não sabe o que vai fazer com uma criança de 9/10 anos que está se masturbando em sala de aula, pensa que a professora - embora se entenda a sua aflição - precisa se sentir preparada para ter uma canal de solução. Porque não vai adiantar ela dizer: "menina, vai para a Coordenação", ou, "menino, tira a mão daí", ou então fazer de conta que não está percebendo, mas ficar perturbada e não conseguir mais prosseguir com a sua aula. Teresa cita o Nepad (Núcleo de Estudo, Pesquisa e Assistência aos Usuários de Droga) que faz curso de capacitação para professores - o São Vicente participa desse projeto - e que desenvolve um programa com a temática da droga interessantíssimo: com atuação dentro da escola, passa pelo professor, aluno, direção e também os pais, pois este é um assunto de grande interesse. Em São Paulo, existe o Gtpos (Grupo de Trabalho e Pesquisa de Orientação Sexual), que faz curso de capacitação para professores de forma semelhante ao Nepad, mas com o tema da sexualidade, indo também para dentro da escola.

Podemos pensar na experiência de São Paulo, mas sem abrir mão desse trabalho que vem sendo feito no São Vicente com os adolescentes, pois vem tendo boa repercussão entre os alunos. Teresa diz que adora o trabalho que faz, por ser encantador e estimulante o contato com adolescentes e que a equipe com que trabalha é excelente. Sente-se enriquecida, mas acha que o trabalho precisa crescer para aumentar a capacitação das pessoas envolvidas com a questão.

Comento que, participando de reuniões com a direção da escola, com os pais e alunos, sinto uma certa premência quanto ao início dessa reflexão por parte dos adultos, incluindo pais e educadores.

Terminamos nossa conversa com o comentário de Teresa de que acha legítimo os pais se preocuparem com a escola de seus filhos, mas que a boa escola é também a boa escola para os pais. Ou seja, os pais precisam saber da proposta da escola e estarem razoavelmente sintonizados com ela.

O Colégio São Vicente de Paulo, por ser absolutamente democrático e se pautar no profundo respeito com o outro, evita tomar decisões rígidas e apressadas sem que nelas possa ver algum proveito educacional. Muitas vezes, em função disso, tem-se a impressão de que "as coisas correm soltas", quando, na verdade, estão sendo pensadas e amadurecidas.

Lucília Hess



Bye Bye, São Vicente

Quem passou pela experiência sabe como é difícil: o ano em que o primeiro filho faz vestibular. Quando são dois, garanto, a situação é indescritível. São crises de histeria, medo, desânimo, insegurança, intercaladas com risos, esperança e possibilidade de vitória - tudo em dose dupla! Como se não bastasse, tem o término do 3º ano e o luto pela perda do colégio amado, frequentado há 11 anos.

Também estou de luto. Tento administrar as emoções das filhas e as minhas. Porém, constantemente vem a sensação de final de festa - alívio, porque aquela trabalhadeira está acabando e nostalgia pela alegria que não dura sempre. Sobretudo, é incoerente o sentimento de abrir mão do duplo vínculo que inúmeras vezes lamentei ter com o colégio: mãe e funcionária. Durante esses anos, em alguns momentos, foi complicado separar as coisas. Por mais que eu me esforçasse, a cabeça trocava de lugar com o coração! O que fazer? Entre a coerência idealizada e a reação espontânea, muitas vezes devo ter optado pelo agir possível.

Foi bom. Aliás, foi muito bom! No Colégio São Vicente, minhas meninas aprenderam muito mais do que o Português, a Biologia, a Química, a Matemática etc. Aqui, elas aprenderam a ouvir, a questionar, a vibrar com o esporte, a lidar com frustrações e sucessos, fizeram amigos e se enamoraram. Agora é outro caminho: não tem mais SOP, SOE, não tem mais inspetores no andar para quebrar os galhos e dar pitos quando necessário e não tem mais o pátio gostoso. Mas tenho certeza de que elas saem instrumentalizadas e terão recursos para enfrentar os novos desafios.

No início deste semestre, remexendo nas gavetas bagunçadas, a Juliana encontrou sua caderneta da primeira série do primeiro grau. Folheou-a curiosa, tentando se identificar com aquela garotinha de tempo atrás. De repente, surpreendida, encontra nos espaços das anotações o seguinte bilhete:

"Juliana,
Boas férias. Sentirei sua falta. Te amo!
Ass. Tia Maria da Glória"

E ela ainda não tinha lido e agradecido. Eu também nunca li e agradeci. Mas ainda dá tempo. Aproveito e agradeço a todos que estiveram juntos comigo, Luiza e Juliana. Aguardem daqui há alguns anos (pelo menos, espero) os netos e netas.

Patrícia Rubim (Psicóloga, mãe de alunas de 3º ano)

Voluntárias da Caridade Vicentinas

Núcleo do Colégio São Vicente de Paulo

O texto abaixo foi escrito nas imediações da Festa de São Vicente de Paulo e entregue aos alunos da 1ª à 5ª série do 1º grau para que levassem as mães, avós, tias, amigas. Faltou, então, oportunidade para remetê-lo às turmas da 6ª série em diante, daí a contingência de sua publicação nesta A Chama.

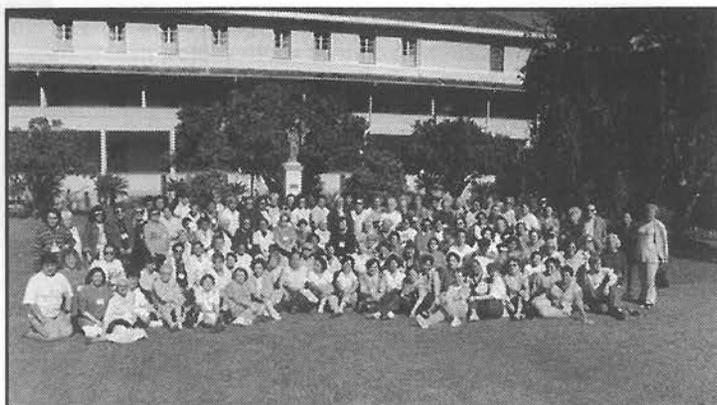
A Associação Internacional de "Caridades" de São Vicente de Paulo é uma instituição de voluntariado, congregando cerca de 250 mil voluntárias ao redor do mundo e prolongando até nossos dias a organização caritativa de São Vicente iniciada em 1617, quando instituiu a primeira "caridade" ou o Núcleo de Voluntariado, no sul da França.

No Brasil, as Voluntárias da caridade de São Vicente de Paulo, fundado em 1960, por ocasião da solene comemoração do tricentenário da morte do santo patrono, acaba de completar 35 anos de atividades. Comemorou este aniversário com provas de vitalidade, pois assumiu competentemente, com ajuda de outros dois núcleos, a organização do 16º Encontro Nacional, realizado em Mendes - RJ no final de julho passado, com a presença de mais de 130 voluntárias de todo país.

Apesar disso, a carência de "mão de obra" é imensa. Necessitamos de novas voluntárias, se possível numerosas, dispostas a dar um pouco de si a quem se vê desprovido de quase tudo.

Temos no Colégio cerca de 1200 famílias para os 1500 alunos do curso regular. Seria sonhar alto pretender associar 10% de nossas mães, ou seja, 20... Nem haveria espaço na sede! Somos realistas: desejamos conquistar modestamente 1% das mães, isto é, doze apóstolas da caridade, para, com elas, podermos ampliar os serviços em favor dos necessitados. E fiquem certas, nossas candidatas, vocês serão as primeiras beneficiadas, já que servir o pobre é servir o próprio Cristo (Ev. S. Mat. - c.25).

Algumas condições se requerem: a disponibilidade para comparecer à sede uma ou duas vezes por semana; capacidade de adaptação, já que as atuais



Reunião das Voluntárias da Caridade no SVP.

voluntárias estão há anos no "batente" e já têm seu modo de ver e agir, posto que abertas ao acolhimento de sangue novo na equipe. A principal qualidade, entretanto, é sempre o desejo de servir desinteressadamente aos irmãos necessitados.

Nosso núcleo assiste com cesta básica mensal cerca de trinta famílias cadastradas e, sempre que possível, fornece enxovais a gestantes, além de muitos outros donativos ocasionais. A captação de recursos vem de uma espécie de filiação à Associação de Pais e Mestres do Colégio, de dois bazares e um bingo anuais, da colaboração constante das famílias, assim como dos próprios alunos nas gincanas festivas.

Se as linhas precedentes conseguiram despertar em você a chama do serviço voluntário e da caridade com os necessitados, queira vir ao Colégio São Vicente de Paulo ou telefonar ao Pe. Almeida para discutirmos juntos as possibilidades de engajamento como voluntária. Se não tiver sequer condições de pensar nisto, quem sabe outras, entre suas familiares, amigas ou conhecidas, estejam aguardando um chamado vindo de sua pessoa.

XV CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

"O Professor é necessário na construção da cidadania"

AEC do Brasil e ACE do Ceará - Fortaleza, 9 a 13 de julho/95

Declaração de Fortaleza

A celebração dos 50 anos da AEC do Brasil nos honra, comove e impulsiona a descortinar novos horizontes e novas caminhadas. Homenageamos os que nos precederam, divisamos o futuro e nos propomos a construir uma vida digna e cheia de esperança para todos.

Celebramos o XV Congresso Nacional de Educação com a participação de mais de 3.500 educadores provenientes de todo Brasil. Debates temas importantes, aprofundamos perspectivas educacionais e vivemos momentos de integração, de unidade e de crescimento em espírito de pertença a esta Associação de Educação Católica que, nestes 50 anos, procurou mudar sua face para conservar-se fiel à sua missão de contribuir para a construção do Reino de Deus, expresso como busca de Justiça, de Liberdade, de Fraternidade e de Participação.

Queremos reafirmar alguns pontos que perpassam nossos trabalhos e que se coadunam com as propostas do Marco Referencial da AEC do Brasil.

1. Acreditamos na eficácia de uma utopia que seja abrangente e estimuladora da ação. Neste sentido, cremos no esforço de contribuir para a construção da fraternidade e nos comprometemos com a luta que isto representa. Por outro lado, não aceitamos alguns substitutivos da utopia que se apresentam hoje, como o gerenciamento da qualidade total, o neoliberalismo econômico, a tecnologia que leve a pessoas humana à condição de subordinação. A utilização de elementos que estas propostas nos trazem, as acolhemos desde que subordinados ao nosso Marco Referencial e apenas como instrumentação e não como globalizações alternativas.

2. Nesta mesma linha de pensamento, apoiamos as escolas e os movimentos de educação que tenham no centro de seu processo um projeto político-social

evangélico explícito e um projeto pedagógico derivado.

3. Estes projetos serão as fontes dos critérios para a definição da qualidade educacional. Insistimos, portanto, na qualidade político-social e não da meramente técnica e formal. Do mesmo modo, insistimos na qualidade dos processos para que possibilitem o educar-se de cada pessoa e de cada grupo e não a domesticação uniformizante.

4. Como mediação para a prática destes projetos político-social e pedagógico, enfatizamos a utilização do Planejamento Participativo. Ele se constitui como alternativa propícia para a concretização de nossa utopia.

5. Como construtor desta utopia e como realizador disto na prática, através do Planejamento Participativo e, portanto, coletivamente e a partir do seu saber, o educador aparece como sujeito imprescindível. Ele precisa ser, antes de mais nada, um cidadão e, a partir dessa condição, ajudar as pessoas a se construírem como cidadãos. É essencial que o professor não seja aquele que apenas transmite algo, mas que contribui para o crescimento e a educação própria das pessoas com quem se relaciona.

6. Alguns pontos da prática operacional derivam do que acima destacamos.

a. AEC, enquanto instituição e colégios e educadores a ela filiados, assume a luta por melhores condições de trabalho, de salário e de aperfeiçoamento do professor.

b. A AEC reafirma a necessidade de participação de todos e especialmente do professor na formulação de políticas educacionais, enfrentando as dificuldades que este processo comporta. Tal procedimento possibilitará maior permanência das políticas educacionais, dando-lhes credibilidade e eficácia na transformação dos processos educativos.

c. A aprendizagem necessária para este exercício de cidadania, que é a participação, requer que as escolas

abram espaços periódicos e regulares para a definição do projeto educativo e da caminhada do grupo dentro da própria escola, na perspectiva dos excluídos, sobretudo do seu acesso e permanência na escola.

d. Estimulamos o professor a que se empenhe, organizado, pelo resgate e preservação de sua identidade social e profissional. Incluímos, nisto, a busca serena e forte por salário digno. Destacamos, ao mesmo tempo, a exigência ética de que governantes e mantenedores de escolas viabilizem a recuperação dos salários hoje existentes.

e. Conclamamos a todos, para uma mobilização e participação ativa no processo de aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Queremos assegurar escola básica fundamental para todos, garantia de aplicação correta dos percentuais para a educação determinados pela Constituição e a definição de um piso nacional de salários para os professores.

É importante que a AEC e as instituições educadoras a ela vinculadas se unam a entidades civis que atuam no campo educacional sem e distanciar do Marco Doutrinal e do Marco Operativo da própria AEC.

Ressaltamos que a AEC é uma instituição que congrega instituições católicas de educação e educadores que atuam quer na escola católica quer em outras escolas, especialmente estatais. O que nos move são todos os brasileiros, especialmente os mais pobres, presentes majoritariamente na escola estatal.

Tudo isso se concretiza na Educação Evangélico-Libertadora apresentada por Medellín e Puebla.

Acreditamos no professor!

Acreditamos na Escola e nos Movimentos de Educação comprometidos com a hierarquia evangélica de valores!

Acreditamos na superação de nossa realidade de miséria pelo trabalho, iluminados pela convicção de que isto não é sonho ilusório, mas fruto de nossas opções, de nosso saber e de nossa fé!

Sou outro depois da Fiocruz

O estágio da Fundação Instituto Oswaldo Cruz foi para mim uma experiência incrível. Pude conviver e trabalhar com profissionais de renome, realizando coisas que julgava ser impossível para um simples estudante de 2º grau.

O estágio durou um ano e nesse período participei de experiências no Departamento de Patologia Experimental coordenado pelo doutor Henrique Lenzi, sendo minha orientadora a doutora Jane Lenzi.

As experiências foram realizadas com caramujos, lesmas e camundongos, visando o estudo da *Esquistossomose* e da *Angiostrongilíase Abdominal*.

Durante meu estágio, pude perceber muitas coisas, entre elas que a profissão de pesquisador é como qualquer outra e quem a exerce é uma pessoa comum e, percebi também, que essa profissão me interessa no momento, fato que levarei em conta na futura escolha da minha carreira profissional.

Considero como o principal ponto do Programa de Vocação Científica o de criar uma consciência crítica no aluno, fazendo com que ele escape do senso comum e aprenda a questionar o que lhe   dito, percebendo, assim, que nenhuma verdade é eterna. O programa mostra, também, que o Método Científico não é algo que se diz e sim que se faz, podendo ser usado na vida cotidiana criando um cidadão crítico que torne a sentença "Penso, logo existo" verdadeira.

Além do estágio, participei também da X Reunião Anual da Federa o de Sociedades de Biologia (FESBE) que ocorreu em Serra Negra,

de 23 a 26 de agosto desse ano. L , pude ver trabalhos de outras institui es sobre os mais variados assuntos ligados a todas as áreas da Biologia. Havia, também, palestras especiais para o nosso grupo, o que não impedia que nós assist ssemos outras palestras, e um curso dado pelo professor do Departamento de Biologia do Instituto de Biociências da USP, José Mariano Amabis, cujo nome é conhecido internacionalmente. Nesse curso, o professor Amabis nos falou sobre a genética, desde o seu início até o dia de hoje, de forma clara e simples.

Além do fato de poder acompanhar outros trabalhos diferentes dos que havia visto na FIOCRUZ, tive a chance de conhecer outros pesquisadores de outras institui es e de ampliar a minha visão sobre a Ciência.

Tenho visto diminuir cada vez mais o número de alunos que se interessam pela chance de participar do estágio, por acharem que ele se tornar  um inc modo em sua vida. Essa é impressão falsa, pois o estágio, apesar de requerer uma certa responsabilidade, é algo muito mais útil do que se pode perceber, pois, além de lhe ajudar na escolha de sua futura profissão, além de lhe ensinar a conviver com as pessoas e ter responsabilidade, além de lhe ensinar a ver o mundo com olhos mais críticos, ele fará parte de seu currículo, o que, na disputa por um futuro emprego, pesar  fortemente a seu favor.

Sei que alguns alunos irão ler o que nós escrevemos e achar que isso não tem valor, que o método científico e o pensar crítico são coisas inventadas para "falar bonito". A esse colegas que sentirem d vidas sobre o que aqui foi colocado, sugiro que estagiem na FIOCRUZ para, aplicando Metodologia Científica, observarem se as suas Teorias se confirmam na Prática.

Cristiano Prado Martins Barbosa
(aluno dop SVP, estagiário da Fiocruz)

Intercâmbio liliputiano



Em outubro, os pequenininhos da 1ª série foram observar uma escola diferente. L  se foram para S  Tereza, levando brinquedos próprios da criançada brasileira para ofertar às crianças japonesas, visitar a Escola Japonesa do Rio de Janeiro. Conheceram as dependências organizadas de modo especial, porém muito modernas, impecavelmente limpas e atraentes.

A menina ficou encantada em poder participar de algumas atividades e trouxeram de volta lindos trabalhos de dobradura, origami, especialidade japonesa.

Quanta habilidade e criatividade!

Em contra partida, também as crianças da Escola Japonesa retribuiram a visita. Numa atitude gentil trouxeram presentes t picos para o Pe. Almeida, para Marlene e para turma 14. Que delicadeza!

No São Vicente, os menininhos japoneses se entrosaram nas atividades de Laboratório e conseguiram confeccionar um para-quebras. Em Artes mostraram suas habilidades elaborando com capricho a técnica de monotopia.

Anexamos a este artigo a carta sigular, muito especial, do diretor da Escola Japonesa pois, ela nos falou ao cora o.

Troca enriquece, faz crescer, amplia horizontes, ensina o respeito, divulga a cultura, estreita laços de amizade.

Marlene Lydia Bluhm

AO ILMO. SR. DIRETOR DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO.

(A/C D  Nina / D  Marlene)

Queremos agradecer de cora o a valiosa oportunidade que a sua escola deu para que os nossos alunos pudessem participar de um intercâmbio com os seus alunos.

Vocês fizeram um programa de aula que se adaptou bem aos nossos alunos, e que os estimulou de maneira que participassem do intercâmbio com a vontade de aprender.

Também, através dos seus alunos que se dirigiam aos nossos alunos com palavras fáceis de entender e dos seus professores que ensinavam com calor humano e um sorriso constante em seus lábios, os nossos alunos e o os seus puderam dentro de um ambiente agradável aprofundar seus laços de amizade.

Os nossos professores acompanhantes e os nossos alunos ficaram impressionados porque passaram   horas muito significativas.

É por isso que nós só podemos agradecer a todos os professores e funcionários desta escola que apesar de estarem muito ocupados prepararam tudo detalhadamente para este encontro.

Esperamos que a partir de agora também esses intercâmbios sejam desenvolvidos e que cada vez mais seja fortalecida a amizade entre nossas escolas. Terminamos aqui esta carta de agradecimento com palavras simples, mas que expressam o nosso desejo de muito sucesso para a sua escola. (Diretor Hisomu Nakamura)

A fraternidade e a política.

Já estão surgindo os primeiros debates sobre a Campanha da Fraternidade de 1996. O tema   "Fraternidade e Política", com o lema "Justiça e paz se abra ar o". Não resta d vida de que é um tema bastante pol mico.

O problema é que a atua o política corrupta e desonesta afastou as pessoas do debate político. Mas a política não   só isso: ela   arte, vida, comunhão e participa o.

A presença da Igreja no campo da política   parte, portanto, da sua missão evangelizadora e tem como objetivo iluminar as consciências, anunciar e promover os valores humanos e evangélicos que devem inspirar a conduta dos cristãos na vida pessoal e nas suas rela es sociais. Faz parte também dessa missão profético-evangelizadora denunciar os males e as injustiças que ferem a dignidade da pessoa humana.

O pior analfabeto é o analfabeto político.

Ele não ouve, não fala,

não participa dos acontecimentos políticos.

Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio depende das decisões políticas. O analfabeto político   tão burro que se orgulha e estufa o peito, dizendo que odeia política. Não sabe o imbecil que, de sua ignorância política, nasce a prostituta, o menor abandonado, o Assaltante e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, o corrupto e lacaio das empresas nacionais e multinacionais.

O Analfabeto Político - de Bertold Brecht

A participa o na realiza o do bem comum implica uma conversão sempre renovada de todos os membros da comunidade São Vicentina.

Prof. Sérgio Maia
(Coordenador da Pastoral - CSVP)

150 anos da PBCM

Província Brasileira da Congregação da Missão

A P.B.C.M. (Província Brasileira da Congregação da Missão) é a mantedora do Colégio São Vicente de Paulo do Rio de Janeiro, e completa 150 anos de existência oficial, iniciada com a nomeação do 1º padre provincial ou visitador em dezembro de 1845.

Nos 25 anos anteriores a tal evento, ou seja, de 1820 a 1845, os filhos espirituais de São Vicente de Paulo encontravam-se no Brasil em pequeno número e ocupavam-se com a pregação de Missões e direção de escolas e seminários.

Juridicamente, eram um prolongamento ultra-mar da Província Portuguesa da C.M. Com as lutas da independência do Brasil, a partir de 1822, a situação deles tornou-se delicada, portugueses que eram, obrigando-os a gestos estratégicos mirabolantes para subsistirem, culminando com a instalação de uma Congregação Autônoma, sem vínculos jurídicos com a Europa, sendo 1º Superior Geral, o Pe. Antonio Ferreira Viçoso; feito bispo de Mariana, foi eleito seu sucessor, Pe. Antonio Afonso de Moraes Torres que, por sinal, não comungava com a situação de "rebeldia jurídica". Foi ele quem, com a permissão de sua majestade, o Imperador D. Pedro II, escreveu ao superior geral da Congregação, em Paris, pedindo a vinda de missionários franceses, assim como a reunião dos missionários do Brasil ao tronco geral da Família Vicentina. Com a promessa dos missionários, chegou a resposta do Superior Geral, trazendo também para Pe. Torres a patente de Visitador.

Aos poucos, a partir de 1849, foram chegando os contingentes de missionários vicentinos franceses, ao mesmo tempo que desembarcavam também levas de Filhas da Caridade, igualmente francesas, espantando este novo mundo com o esvoaçador das asas brancas de seus grandes chapéus ou "cornetas" e maravilhando as populações carentes com o esplendor de sua caridade, logo institucionalizada em escolas e hospitais.

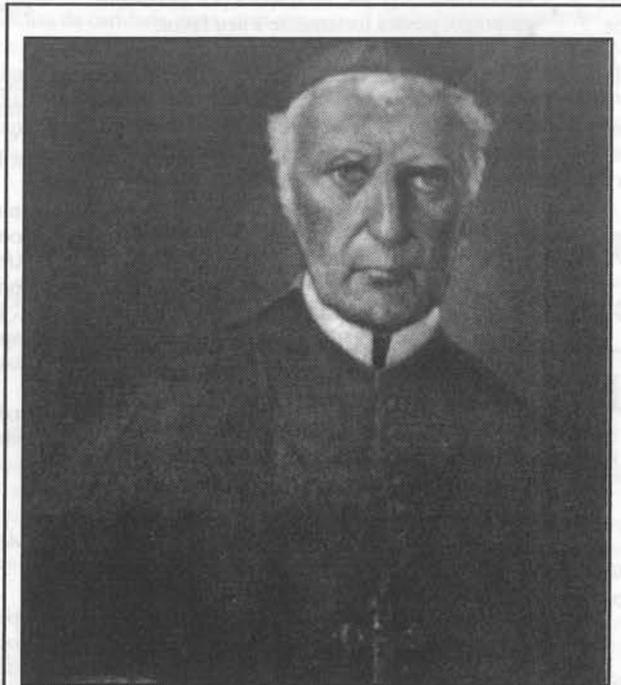
A jovem Província C.M. cresceu e quase ocupou o mapa do país no correr da 2ª metade do século 19.

Das obras iniciais dos padres portugueses, permanecem de pé duas principais: o Colégio do Caraça e a Missão de Campina Verde, ex "Farinha Podre", que temporariamente funcionou também como escola. Ambas resistiram à ação do tempo e, hoje, lutam por subsistir adaptando-se às exigências sociais e comunitárias.

Qualquer província religiosa, como qualquer diocese, se solidifica somente quando dotada de elementos autóctones.

Carecendo inicialmente de casas apropriadas à formação de seus candidatos, teve a Província de enviá-los a Paris, durante muito tempo. No decorrer dos anos 20 deste nosso século 20, ordenaram-se os primeiros frutos da formação em terras brasileiras, com ajuda de educadores importados; a partir dos anos 30, também os formadores se foram "nacionalizando". Ficando ainda o Governo da Província com um titular francês. Com a morte de Pe. Eugênio Pasquier, em 1941, o cargo ficou vago quase quatro anos, devido à 2ª Guerra Mundial, sendo suplente do Visitador falecido, Pe. Afonso M. Germe, também francês.

Em 1945, ao se complementar o 1º



Dom Antonio Ferreira Viçoso, um dos 2 primeiros Vicentinos no Brasil - 1820.

centenário da Província, houve, afinal, a nomeação do primeiro brasileiro na pessoa do Pe. Francisco Goldinho.

A partir de então, o cargo deixou de ser vitalício e, até agora, foi exercido pelos seguintes coirmãos: Pe. José Paulo Salles Júnior (1951-1963 e 1967-1970); Pe. Dermeval José Mont'Alvão (1963-1967); Pe. José Elias Chaves, hoje Bispo de Cametá (1970-1979); Pe. Alfeu C. Ferreira (1979-1988 e 1991-1994); Pe. José Pires de Almeida (1988-1991). Pe. Célio Maria Dell'Amore (1994 até o momento). Todos vivos, à exceção de Pe. Francisco Godinho.

Formando sacerdotes para muitas dioceses, a Província teve, ocasionalmente, nos próprios seminários diocesanos, uma fonte de candidatos a missionários vicentinos, mas o grosso do recrutamento

se fazia tradicionalmente através de Seminários Menores ou Escolas Apostólicas; estas recebiam os candidatos a partir do término do curso primário. O Colégio do Caraça funcionou temporariamente como Escola Apostólica que sobreviveu de muito ao Colégio. A Escola Apostólica do Caraça agregou-se as de Irati-PR (1928) e Fortaleza-CE (1942).

No início dos anos 70, com o fechamento dos dois últimos seminários, encerrava-se longa etapa de ajuda na formação do clero nacional. De norte a sul, chegamos a formar o clero em uma dúzia de seminários no estilo da época, isto é, assumindo a responsabilidade da formação e administração de cada seminário, devendo, mesmo, prover ao sustento material, através de levantamento de recursos entre os fiéis.

-Por que terá falido tal obra benéfica entre todas e tão necessária?

- Não há resposta única, tanto mais que cada seminário fechado ou devolvido à respectiva diocese teve sua trajetória histórica. Seria lícito, contudo, enumerar algumas causas de ordem geral que preparam nossa aposentadoria forçada:

a) os contratos que regiam nosso ministério de formadores de seminários eram seguramente antigos; alguns, antiquados e carecendo de séria revisão, o que não foi feito. Por nossa parte, paramos no tempo, por falta da necessária atualização. Até os anos 50, poucas especialidades em obras onde todos deveriam ser especializados;

b) responsáveis pelo conteúdo como pela forma de todo o processo de formação, tínhamos, em geral, como cooperadores, alguns membros do clero diocesano. Ao contrário do que acontecia conosco, os sacerdotes diocesanos, sobretudo a partir da inauguração do Colégio Pio Brasileiro, em Roma, tinham bastante facilidade para se reciclarem e especializarem. Aos poucos, as dioceses foram adquirindo pessoal habilitado a nos suceder;

c) a mudança de mentalidade pós-Vaticano II (1962-1966) exigia dos formadores e dos próprios bispos muita flexibilidade na leitura atenta do Concílio e sua transposição para a prática. Ora, apenas a minoria foi capaz disso;

d) por fim, é sabido que na crise de

abandono do ministério por parte de numerosos sacerdotes e religiosos, nossa província não foi exceção. Perdeu grande número de coirmãos jovens e, possivelmente, bem aptos a aprofundarem a arte de formar. Até hoje, a Província se recente daquele vazio e tem buscado reciclar-se de diversos modos, mais tardiamente;

e) a carência de uma autoridade entrar na Província com disposição de valor a cada local de crise e ajudar os coirmãos a contorná-la ou resolvê-la com o máximo de discernimento. Naqueles vários e difíceis momentos, cada comunidade particular teve de decidir ou aceitar a decisão de outros sem contar com apoio eficaz de instância superior.

Estas e outras causas terão influído, mas não explicam a rapidez com que as coisas se fizeram nem a queda geral de estruturas no pós-Vaticano II.

Outros Ministérios: Liberados dos seminários, todos os coirmãos válidos foram sendo encaminhados para as paróquias, capelanias, colégios.

Naquele momento, o Colégio São Vicente de Paulo recebeu vários, chegando a contar com onze coirmãos simultaneamente.

- Que foi feito deles?

Alguns não chegaram a se adaptar ao estilo da casa, bem menos monacal que o dos seminários de onde provinham. Outros se matricularam em cursos universitários para completarem a própria formação.

Vários desistiram do exercício do sacerdócio, seguindo a onda então fortíssima da Igreja.

Por fim, a própria morte veio colher alguns ainda em plena vitalidade, tais os PP Nogueira e Guerra.

Nos nossos dias, a PBCM, tendo-se voltado para o ministério original da Congregação, as Missões Populares, vem trabalhando em diversas frentes missionárias na Bahia. Permanecemos 25 anos na ilha de Itaparica, missionando as Dioceses de Salvador e Amargosa. E, já a quase 20 anos, damos presença missionária à Diocese de Bom Jesus da Lapa, onde a pobreza de clero e de recursos é extrema. Ali, nas frentes de Carinhonha e Cocos, vem sendo animada a vida religiosa e aprofundada a Fé do Povo de Deus. Igualmente na periferias de Belo Horizonte e São Paulo (Diocese de Santo André), mantemos equipes missionárias permanentes. Em todas estas frentes, a PBCM se responsabiliza pelo envio dos missionários e por sua manutenção e pelos recursos necessários, notando-se que os enviados são quase sempre escolhidos na faixa de idade mais jovem. Em destes, Pe. Maurício Rezende Paulinelli, após treze anos de vida missionária no sertão baiano acaba se transferindo para nosso Colégio São Vicente. Que nosso Santo Patrono o ilumine, a fim de que apanhe logo a embocadura pastoral deste novo contato com a "pós-modernidade".

Pe. José Pires de Almeida, C.M.

Turmas de 3º Ano formadas em 1995



3º A



3º B



3º C

A redação do 3º ano dá um show!

Parágrafo, letra maiúscula... Foi mais ou menos assim que começamos a aprender a fazer redação. Pois é, certas coisas não mudam mesmo... Isso não mudou, mas, na certa, hoje, há muitas novidades nas instituições para se fazer uma redação, principalmente quando ela serve de instrumento de verificação nos vestibulares de nossas universidades.

As expectativas atuais em relação a esse tipo de texto são muito mais amplas e exigem critérios de correção que vão muito além da mera adequação ao registro formal. Espera-se do candidato a universitário que demonstre capacidade de aprender, de adquirir conhecimento de forma independente e não apenas conhecimentos prévios sobre a "matéria-chave" do curso escolhido. Sem querer entrar no mérito de como é realizada esta avaliação, nenhum instrumento tem se mostrado mais eficiente para cumprir esta arrojada tarefa do que a redação. Com enorme prazer, observamos que, em matéria de capacidade de expressar-se com clareza, organizar idéias, estabelecer relações, interpretar dados e fatos, elaborar hipóteses, muitos de nossos alunos têm dado um verdadeiro "show"!

Antes de passarmos a nossa amostragem, é preciso ressaltar que não se ensina a nenhum aluno fazer redação no 3º ano do 2º grau. Aprender a modalidade escrita da língua não é coisa que se consiga às vésperas do vestibular, ou ao longo do último ano. Esse aprendizado está ligado a toda a história do processo de aprendizagem de uma pessoa, ou seja, tanto dos alunos em questão, quanto dos outros que ainda não atingiram esse estágio. E é essa história da qual a nossa escola muito se orgulha de ter participado e contribuído até então.

Cátia Miranda

(Coord. Vertical de Língua Portuguesa)

Batalha vencida

A relação homem X mulher sempre foi uma questão muito confusa. Até onde vão as diferenças, as desigualdades e os direitos entre esses dois sexos? "Homem não chora"; "mulher foi feita para cuidar da casa". Como será que frases como essas, antes tão comuns e aceitas, atuam sobre a sociedade atual?

Antigamente, o homem era colocado acima da mulher. Era ele quem ia ao trabalho, às guerras, enfim, era ele quem ficava encarregado pelos negócios. Enquanto isso, a mulher ficava em casa, cuidando dos filhos e da comida. Homem para um lado e mulher para outro. Assim era estabelecida a relação.

O casamento não passava de uma obrigação: casar para a sociedade. O amor pouco importava. A grande importância era o status.

Só que no decorrer dos anos, a mulher

foi cada vez mais conquistando seu espaço. Ela passou a trabalhar fora de casa e a ser respeitada. Assim como a mulher, o homem também ganhou o seu espaço. Ele deixou de ser aquela figura durona, insensível. Com isso, a relação tornou-se de igual para igual.

A liberdade ficou mais ampla: liberdade de casar, separar e casar de novo. Liberdade de se expressar no relacionamento, de se respeitar e respeitar o outro. "Liberdade" de entender que homem e mulher são, ao mesmo tempo, iguais e diferentes.

Agora que a humanidade percebeu que o homem chora e que a mulher pensa, a relação homem X mulher tornou-se bem mais fácil e gostosa.

É pena que não são todos que conseguem ver essas coisas. O preconceito com mulher executiva e com homem que não sustenta a família sozinho ainda existe. Mas o passo dado foi bastante largo. O que falta agora é maior aceitação por parte da sociedade. E isso vem com o tempo. O mais bonito o homem já percebeu: homem e mulher se completam.

Tatiana Salem Levy (t.C)

Poder: poder o que?

O ano de 1995 marca os cinquenta anos do fim da Segunda Grande Guerra Mundial. Marca também os cinquenta anos do lançamento de duas bombas atômicas, que dizimaram populações japonesas. Devemos, porém, nos perguntar: será que realmente podemos comemorar algo? Será que a mentalidade do ser humano mudou a ponto de evitar que essas manchas negras, verdadeiras máculas da História, ocorram novamente?

O ser humano se julga e se diz muito inteligente e evoluído, podendo ser considerado o mais avançado dos seres vivos. Parece, porém, que toda essa inteligência se esvai quando o homem tem como objetivo o poder. Foi por esta ambição política e econômica que se lutou na Primeira Guerra Mundial. Foi também para atingir este mesmo poder que se lutou na Segunda. Foi para demonstrar poder que foram jogadas, desnecessariamente, duas bombas atômicas sobre o Japão, matando milhares de pessoas. Foi por poder que o povo alemão, o mais culto da Europa,

consentiu no extermínio de milhares de judeus.

Junto a essas comemorações pelos cinquenta anos do final da Segunda Guerra, surgiram vários debates sobre os valores que determinam os vencedores e vencidos. Os vencedores, então, passaram a ser crucificados e os vencidos, sempre considerados vilões, a ser os pobres-coitados. Isso nos faz refletir que realmente não há vencedores nessas disputas pelo poder. O Japão poderia ter ganho a Guerra e massacrado milhares de pessoas também. Enfim, nestas disputas mesquinhas, só há um perdedor: a humanidade.

Se o mundo não quiser terminar como o físico nuclear Albert Einstein imaginou, ou seja, lutando na Quarta Grande Guerra Mundial, já num cenário devastado pela Terceira, com paus e pedras, ele terá que parar e realmente se perguntar: poder? Poder com que intenção? Poder para que? Poder: poder o que?

André Percmanis (t.B)



Últimos dias da instituição família

Nem todo mundo tem família. Essa é uma realidade, aliás, bem brasileira. Podemos comprovar isso comprando um cigarro na esquina. No caminho, provavelmente iremos ver um mendigo ou uma criança de rua, sozinhos, a pedir um trocado, isolados no mundo, sem ninguém em quem se apoiar, sem pai, sem mãe, sem família. Mas o que será ter uma família?

Com certeza não podemos definir o que é família. Para uns é o pai, a mãe; para outros, a avó, a tia, o amigo com quem se divide o apartamento e assim por diante.

Antigamente, dizia-se família a casa

constituída de pai, mãe e um filho. A mãe divorciada era vista como amoral e sem-vergonha. O preconceito era muito comum e, ainda hoje, também o é. A mudança que vem ocorrendo ultimamente tem sido chamada por muitos conservadores de "diluição do lar". Uma definição mal pensada e até burra. Família é feita de pessoas com quem nós temos certeza de que podemos contar, sejam elas quem for, estejam vivendo junto com a gente ou não.

Todas as transformações a que vimos assistindo mostram-nos que, a cada dia que passa, existem mais e novas maneiras de se formarem famílias. Diversificam-se as formas de viver e, conseqüentemente, de amar. Ajudemos, portanto, acabar com esse preconceito, com essa discriminação. É sortudo quem tem mais de uma mãe, mais de um pai, mais de uma casa, mais de um amigo, algumas famílias...

Luiza Rubim (t.B)



Masculinidade em questão

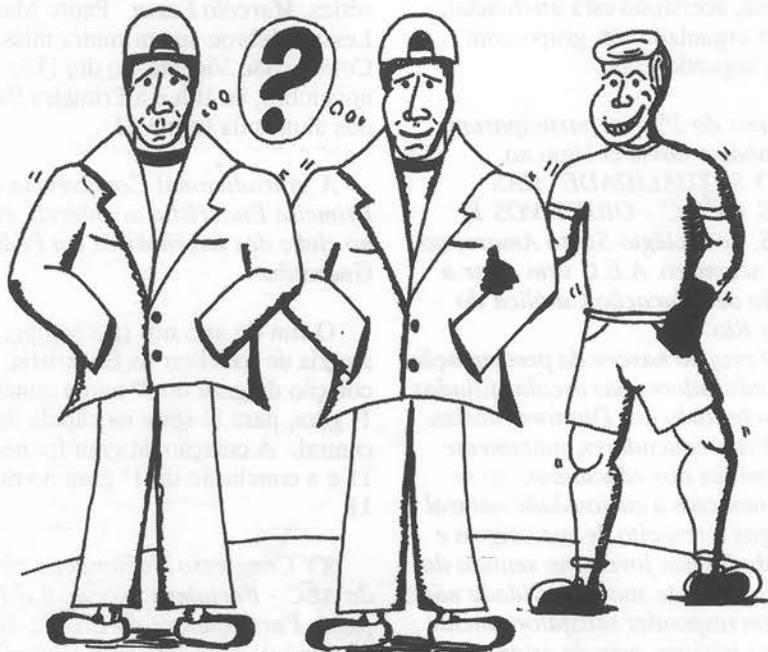
Ainda hoje, homens afirmam a sua masculinidade da mesma forma de tempos atrás, quando participavam voluntariamente de guerras sangrentas ou faziam da mulher apenas um objeto de alívio às suas tensões diárias. Ser violento continua sendo uma prerrogativa masculina, um dos quesitos básicos para que sejam aceitos pela sociedade, ainda machista, em que vivemos. Uma agressividade não somente física, mas, principalmente, uma postura moral agressiva.

Com a necessidade de igualar os direitos de ambos os sexos, as conquistas femininas, no que dizem respeito à sexualidade, ao trabalho e à família, parece que são vistas e sentidas por esses homens como forma de questionar, de colocar em dúvida a sua masculinidade. Quase simultaneamente, desponta - no mundo e na mídia - a questão homossexual, a abalar o universo masculino.

Esta crise de autoridade, sobretudo dentro de casa, faz com que o homem, tão comum, tome atitudes violentas, também em sua própria família. Na rua, em grupos, deverá mostrar aos outros o quanto ele é "macho", e, portanto, terão que temê-lo e não confundir-lo. Como exemplo desta afirmação de força masculinas, tivemos o ocorrido em jogo recente: o espírito agressivo reinou absoluto e criminoso, não por acaso, entre homens.

A sociedade não pode acreditar que toda essa agressividade e esta violência reunidas deste sexo "forte" existam por fatores biológicos. O elemento masculino não é, por natureza, mais violento ou mais forte. Este retrato é essencialmente produto da própria postura social em que o homem se enquadra para não ser discriminado entre seus pares, já que, por enquanto, não sabe lidar com as diferenças.

Fabiana Diaz (t.A)



Onde estão as marcas pessoais?

Já disse o poeta: "é doce estar na moda", mesmo que, para isso, tenhamos que pagar um preço bastante caro: a perda da nossa identidade. O mundo social nos dita modelos de que dificilmente conseguimos escapar.

Se prestarmos atenção a nossa volta, podemos observar, em pequenos detalhes de consumo, que nos tornamos escravos da "matéria anunciada", seja ela *Crest* ou *Kollinos*, *Reebok* ou *Bamba*, *Havaiana* ou *Rider*, *Guess* ou *Mesbla*...

Por outro lado, com os avanços da psicologia, o "eu" nunca foi tão valorizado como atualmente. Saber ser diferente dos outros, um ser pensante dono de si mesmo, tornou-se fundamental nos dias de hoje. Ao mesmo tempo, junto a esses valores, nunca se viu tanta importância dada às etiquetas, verdadeiro troféus de quem as exibe, demonstrando uma inversão terrível de valores. Afinal, onde estão as marcas pessoais, o selo da "essência do ser"?

A evolução dos meios de comunicação de massa favorecem ainda mais a "coisificação" do homem. As informações são tão bem programadas para influenciar o público que já não podemos ter certeza alguma da autenticidade das opções do ser humano, desde a marca do seu cigarro à escolha do presidente da República.

Resta-nos ficarmos de olhos bem abertos, sem perder de vista os grandes artistas, os artistas de verdade, pois somente estes conseguiram, durante todos esses séculos, suplantam a força dos modelos sociais e mostrar a verdadeira cara do homem!

Maria Clara Miranda (t.A)



**E NA
CAMINHADA
PASTORAL
DO CSVP...
... OS
PASSOS
CONTINUAM
FAZENDO
CAMINHO
EM 1995**

**Tempo de parada!
Tempo de revisão!
Tempo de silêncio e escuta!
Tempo de partilhar
notícias...
acontecimentos...
boas novas...**

Dom José Carlos de Lima Vaz, Bispo auxiliar do Rio de Janeiro, Crismou 35 alunos no dia 24.10.95 na Capela da Casa Central. O último grupo de alunos a ser preparado para receber o Sacramento da Crisma foi em 1987. Daí em diante os alunos eram levados à Catedral Metropolitana para receber este Sacramento. A Confirmação ou Crisma foi sempre compreendida como complemento do Sacramento do Batismo. Em virtude de orientação pastoral há uma tendência de fazer da Crisma um Sacramento de adolescência. O Colégio São Vicente, aceitando esta orientação, ofereceu e organizou um grupo com alunos do segundo grau.

40 alunos do 2º grau participaram, representando o nosso colégio no PROJETO SEXUALIDADE NAS ESCOLAS - A.E.C - OBJETIVOS E VALORES, no Colégio Santo Amaro, no dia 26 de setembro. A.E.C vem a ser a Associação de Educação Católica do Estado do Rio.

O projeto nasceu da preocupação de vários educadores das escolas filiadas à A.E.C, sobretudo dos Diretores destas escolas. Estes educadores, juntamente com as famílias dos educandos, ao se confrontarem com a curiosidade natural das crianças a respeito de sua origem e as dificuldades dos jovens no sentido do desenvolvimento de sua sexualidade não conseguiam responder satisfatoriamente às questões básicas, nem da criança, e nem tão pouco dos jovens.

Não conseguindo responder ou dialogar, alguns preconceitos e tabus têm impedido os pais de conversarem com seus filhos e as escolas de informarem seus alunos.

Foi criado, então, um grupo de trabalho constituído pelos membros dos Departamentos Pastoral e Pedagógico da A.E.C para organizar o projeto. Em seguida foram convocados alguns colégios para desenvolverem o projeto. O convite teve uma repercussão muito grande e uma frequência significativa nas várias reuniões realizadas.

90 alunos da 5ª série fizeram a sua Primeira Eucaristia nos dias 11 e 12 de novembro. Pais, parentes, amigos e colegas vieram celebrar juntos o primeiro encontro destes alunos com Jesus

Cristo, o Salvador, que se tornou nosso Alimento, nossa Vida, nosso Caminho. Um agradecimento especial a Edna, Hércio, José Eduardo, Noêmia pela preparação tão eficiente que fizeram com este grupo de alunos.

Atendemos ao convite da Arquidiocese levando um grupo de 20 alunos da 5ª série do grupo de preparação para a 1ª Eucaristia. Fretamos um ônibus em comum com o Colégio Santa Úrsula, onde passamos para apanhar um grupo de alunos.

Dom Eugênio de Araujo Salles, Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, ordenou no dia 24 de junho, na Catedral da Avenida Chile, 22 novos padres para a Arquidiocese. Fato único na história da Igreja no Rio de Janeiro onde nunca houve registro de ordenações tão numerosas. Entre os ordenados estava o nosso professor de religião da 7ª e 8ª séries, *Marcelo Lessa*. Padre Marcelo Lessa celebrou sua primeira missa no Colégio São Vicente, no dia 11 de novembro, às 10h e a Primeira Eucaristia dos alunos da turma 51

A já tradicional Convivência da Primeira Eucaristia aconteceu, este ano, no clube dos engenheiros em Pedra de Guaratiba

O fim do ano nos traz sempre a alegria de celebrar na Eucaristia, a colação de grau do 3º ano e conclusão do 1º grau, para 8ª série na capela da casa central. A colação de grau foi no dia 22/11 e a conclusão do 1º grau no dia 29/11

XV Congresso Nacional de Educação da AEC - Fortaleza - Ce. de 9 a 13 de julho. Participantes do CSVP: Graça (Religião), José Eduardo (Religião), Lurdinha (Soe), Luisa (Geografia), Norma (Soe), Sérgio Maia (Pastoral), Solange (Coordenação)

O Conselho Pedagógico, em uma de suas reuniões semanais a do dia 03 de agosto, refletiu as moções do XV Congresso Nacional de Educação numa versão simplificada da Declaração de Fortaleza.

A Direção do C.S.V.P amplia a carga horária da coordenação de pastoral buscando, assim, uma atuação para a escola toda. Coordenação de pastoral ganha tempo de supervisão junto a todos os professores de sua área.

Sérgio Maia
Coordenador da Pastoral CSVP